

Helena Martins

Comunidades de Prática – Contributos das ferramentas online para o desenvolvimento e promoção da cooperação e colaboração entre educadores de infância

IPV - ESEV | 2014



Instituto Politécnico de Viseu  
Escola Superior de Educação de Viseu

Helena Patrícia Salazar Martins

Comunidades de Prática – Contributos das ferramentas online para o desenvolvimento e promoção da cooperação e colaboração entre educadores de infância

Outubro de 2014

Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Educação de Viseu

Helena Patrícia Salazar Martins

Comunidades de Prática - Contributos das ferramentas online para o desenvolvimento e promoção da cooperação e colaboração entre educadores de infância

### **Projeto Final de Mestrado**

Mestrado em Educação e Multimédia

Trabalho efectuado sob a orientação de Professora Doutora Maribel Miranda Pinto



Outubro de 2014

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE CIENTÍFICA**

Helena Patrícia Salazar Martins do curso de Mestrado em Educação e Multimédia declara, sob compromisso de honra, que o Projeto Final é inédito e foi especialmente escrito para este efeito.

Viseu, 17 de Outubro de 2014

O Aluno

---

## **Agradecimentos**

A concretização deste trabalho não seria possível sem a intervenção de algumas pessoas que me acompanharam. Permito-me dirigir alguns agradecimentos em particular:

À minha Orientadora, Doutora Maribel Pinto Miranda, pelo apoio, pela paciência, pela dedicação e orientação de todo o trabalho;

Aos mestrandos que comigo partilharam esta caminhada, em especial agradeço à Isabel, à Sónia, ao Paulo e à Salomé pela ajuda e pela amizade;

Ao meu marido pelo apoio incondicional e por nunca me ter deixado desistir;

À minha filha pela compreensão pela minha ausência;

À Vera, Idalina, Gilberto, Luísa, Isabel, Teresa, Elisabete, Susana, Paula que participaram neste estudo, sem sua colaboração este trabalho não se concretizaria;

A todos os professores da ESEV que lecionaram o curso de Mestrado em Educação e Multimédia.

## Resumo

Ao longo dos anos, temos vindo a assistir a um grande desenvolvimento ao nível tecnológico de ferramentas de suporte ao ensino, nomeadamente as ferramentas da *Web 2.0*.

Essas ferramentas vieram favorecer o aparecimento de Comunidades de prática e a consequente cooperação e colaboração através da interação *online* entre educadores de infância.

É neste panorama que se criou a Comunidade de prática J@rdim do Girassol, oferecendo-se condições para os educadores de infância cooperarem e colaborarem nesta comunidade.

Tendo em conta a questão deste estudo “Em que medida as ferramentas da *Web 2.0* favorecem a criação de CoP e a consequente cooperação e colaboração através da interação *online* entre educadores de infância?” optou-se por uma metodologia de índole qualitativa e do tipo estudo de caso. Os dados foram recolhidos através de vários instrumentos: *focus group*, observação participante e entrevistas. A recolha de dados incidu também na análise qualitativa das interações feitas na comunidade de prática, para tal usamos o modelo de Miranda Pinto (2009).

Os resultados obtidos demonstraram que a CoP analisada não se constituiu uma efetiva CoP, contudo, os participantes reconheceram que, independentemente da ferramenta de comunicação que usaram, este espaço online proporcionou condições únicas que facilitaram a cooperação, a partilha de ideias, a interação, a troca de materiais e a criação de soluções para problemas comuns das práticas profissionais em contexto presencial.

**Palavras-Chaves:** Comunidades de prática *online* (CoP); Cooperação e colaboração entre educadores de infância; Ferramentas da *Web 2.0*.

## Abstract

Over the years, we have witnessed a great technological development of support tools for teaching, namely Web 2.0 tools.

These tools led to the emergence Communities of practice and the resulting cooperation and collaboration through online interaction between kindergarten teachers.

The Community of practice J@rdim do Girassol emerges from this context, offering conditions for kindergarten teachers to cooperate and collaborate in this community.

Bearing in mind the question of this study: "To what extent do Web 2.0 tools facilitate the creation of CoP and the resulting cooperation through online interaction among kindergarten teachers?", we have chosen a methodology of qualitative nature and case study type. Data were collected through several instruments: focus groups, participant observation and interviews. Data collection has also focused on the qualitative analysis of the interactions made in the community of practice, for this we have used the Miranda Pinto (2009) model.

The results have shown that the CoP analysed was not an effective CoP. However, the participants recognized that, regardless of the communication tool they used, this online space has provided unique conditions that facilitate the cooperation, sharing of ideas, interaction, exchange of materials and the creation of solutions to common problems of professional practices in the classroom context.

**Key Words:** Online Communities of Practice (CoP); Cooperation and collaboration between kindergarten teachers; Web 2.0. Tools

## **ÍNDICE**

ÍNDICE DE FIGURAS.....	vi
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	viii
ÍNDICE DE QUADROS.....	ix
ÍNDICE DE TEXTOS .....	x
ABREVIATURAS .....	xi
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1- Justificação e importância do estudo.....	12
2- Questão da investigação e objetivos do estudo .....	13
3- Estrutura do Trabalho .....	14
<b>CAPÍTULO 1 – AS TIC NO ENSINO PRÉ-ESCOLAR .....</b>	<b>15</b>
1.1 A utilização das TIC no Ensino Pré-Escolar.....	15
1.2 Metas de aprendizagem TIC no Jardim de infância.....	17
<b>CAPÍTULO 2 – WEB 2.0: FERRAMENTAS COOPERATIVAS/COLABORATIVAS ..</b>	<b>22</b>
2.1 Web 2.0: Da Cooperação à Colaboração .....	22
2.2 As ferramentas da Web 2.0: ferramentas cooperativas/ colaborativas.....	25
2.2.1 Blog.....	25
2.2.2 Facebook.....	26
2.2.3 Dropbox.....	28
<b>CAPÍTULO 3 – AS COMUNIDADES DE PRÁTICA E O TRABALHO</b>	
<b>COOPERATIVO/COLABORATIVO ENTRE EDUCADORES DE INFÂNCIA .....</b>	<b>30</b>
3.1 Conceito de Comunidade de prática .....	30
3.2 Os elementos estruturais de uma CoP .....	32
<b>CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA.....</b>	<b>37</b>
4.1 Tipo de estudo.....	37
4.2 Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	38
4.2.1 Grupo de enfoque ou <i>focus group</i> .....	38
4.2.2 Observação participante.....	40
4.2.3 Entrevistas .....	42
4.3 Modelo de análise das interações usado nesta Comunidade de Prática .....	44
<b>CAPÍTULO 5 – A COMUNIDADE DE PRÁTICA J@RDIM DO GIRASSOL .....</b>	<b>47</b>
5.1 – Caracterização desta CoP .....	47
5.2 - Membros da CoP J@rdim do Girassol .....	50
5.3 – Regras de funcionamento da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol....	50

5.4- Ferramentas da <i>Web 2.0</i> utilizadas para a dinamização da Comunidade J@rdim do Girassol.....	51
5.4.1- O <i>blogue</i> da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol.....	51
5.4.2- A Comunidade de Prática J@rdim do Girassol no <i>Facebook</i> .....	55
5.4.3- Comunidade de Prática J@rdim do Girassol no <i>Dropbox</i> .....	59
5.5- Atividades e dinâmicas desenvolvidas na CoP - J@rdim do Girassol.....	60
<b>CAPÍTULO 6 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>64</b>
6.1- Categorias de análise que correspondem à questão de investigação e Codificação para análise dos dados.....	64
6.2- Apresentação e interpretação dos resultados obtidos através das categorias de análise .....	66
6.2.1- Formação dos educadores na área das TIC .....	67
6.2.1.1- Caracterização dos entrevistados .....	67
6.2.2- Práticas de cooperação e colaboração em CoP <i>online</i> .....	70
6.2.2.1- Dinâmicas Cooperativas e colaborativas na CoP.....	70
6.2.2.2- Ferramentas <i>Web 2.0</i> utilizadas na CoP .....	74
6.2.2.3- Integração das TIC na sala de atividades antes e após a pertença na CoP .....	75
6.2.2.4- Benefícios da CoP .....	77
6.2.2.5- Obstáculos na participação na CoP <i>online</i> .....	79
6.2.2.6- Sugestões para o melhoramento da CoP .....	80
6.3 – Análise qualitativa das interações no J@rdim do Girassol.....	81
<b>CAPÍTULO 7 – CONCLUSÕES .....</b>	<b>95</b>
7.1 Reflexões finais.....	95
7.2 Limitações do estudo .....	98
7.3- Sugestões para investigações futuras .....	98
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>106</b>
Anexo 1 .....	107
Anexo 2 .....	109
Anexo 3 .....	114
Anexo 4 .....	116
Anexo 5 .....	118
Anexo 6 .....	120

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Os três elementos fundamentais para existir uma comunidade .....	34
Figura 2- Estádios de Desenvolvimento de uma Comunidade (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, p.69) .....	35
Figura 3- Modelo de análise qualitativa das interações em comunidades <i>online</i> de Miranda-Pinto (2009), com base nos trabalhos de Henri (1992), Gunawardena et al.(1997), Garrison et al. (2000), Wenger (1998) e P. Dias (2008) .....	44
Figura 4- Logotipo da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol.....	48
Figura 5- Aspeto da página do <i>Facebook</i> quando o grupo J@rdim do Girassol foi criado.....	48
Figura 6- Aspeto da página do <i>Facebook</i> a divulgar o blog da CoP.....	49
Figura 7- Aspeto gráfico do <i>blogue</i> da Comunidade de prática J@rdim do Girassol – Julho 2013.....	52
Figura 8- Imagem de uma história digital colocada no <i>blogue</i> através da ferramenta <i>Scribd</i> .....	52
Figura 9- Imagem de um vídeo em formato digital colocado no <i>Youtube</i> e incorporado no <i>Blogue</i> da comunidade de Prática J@rdim do Girassol .....	53
Figura 10- Aspeto gráfico da disposição das mensagens no <i>blogger</i> .....	54
Figura 11- Aspeto gráfico das visualizações das páginas no <i>blogger</i> (de 02-03-2013 a 16-06-2013).....	55
Figura 12- Aspeto gráfico de uma história (em vídeo) inserida no <i>youtube</i> e incorporada no mural de publicações do <i>Facebook</i> .....	56
Figura 13- Aspeto gráfico de uma história inserida na ferramenta <i>Scribd</i> e depois incorporada no mural de publicações do <i>Facebook</i> .....	56
Figura 14- Conversa no <i>chat</i> do <i>Facebook</i> , acerca de dúvidas relacionadas com a publicação no <i>Blogger</i> – Fevereiro, 2013.....	57
Figura 15- Diálogo no mural de comunicação ( <i>feed</i> notícias) do <i>Facebook</i> .....	57
Figura 16- Aspeto gráfico dos ficheiros publicados na CoP J@rdim do Girassol no <i>Facebook</i> .....	58
Figura 17- Aspeto gráfico das fotos e vídeos publicados na CoP J@rdim do Girassol no <i>Facebook</i> .....	59
Figura 18- Arquivos enviados para a <i>Dropbox</i> .....	59
Figura 19- Aspeto gráfico dos membros que partilham a pasta “Misericórdia” .....	60
Figura 20- Aspeto gráfico de uma publicação no mural de notícias do <i>Facebook</i> , a divulgar uma ferramenta da <i>Web 2.0</i> .....	61
Figura 21- Diálogo acerca do evento “lembança da Páscoa” .....	62

Figura 22- Aspeto gráfico de uma publicação no mural de notícias do <i>Facebook</i> .....	62
Figura 23- Conversa no <i>Chat</i> acerca do funcionamento do <i>Blogger</i> .....	70
Figura 24- Momentos de entreajuda (1) .....	72
Figura 25- Momentos de entreajuda (2) .....	72
Figura 26- Momentos de entreajuda (3) .....	73
Figura 27- Recurso encontrado na <i>Internet</i> e publicado no <i>Blog</i> .....	73
Figura 28- Publicação de um recurso da autoria de um membro da CoP .....	77
Figura 29- Indícios que revelam que os membros dão valor à comunidade (1) .....	78
Figura 30- Indícios que revelam que os membros dão valor à comunidade (2) .....	78
Figura 31- Indícios que revelam que os membros dão valor à comunidade (3) .....	78
Figura 32 - Sugestão de uma nova ferramenta para armazenamento em nuvem .....	80
Figura 33- Presença dos participantes como observadores-participantes.....	82
Figura 34- Partilha de uma música, retirada do <i>Youtube</i> , no <i>Facebook</i> .....	83
Figura 35- Partilha de uma música, em extensão wma, no <i>Facebook</i> .....	84
Figura 36- Partilha de uma história no <i>Blog</i> .....	84
Figura 37- Partilha de imagens de trabalhos de expressão plástica, no <i>Blog</i> .....	84
Figura 38- Documentos partilhados no <i>Dropbox</i> .....	85
Figura 39- Questionamento e respostas às partilhas feitas (1) .....	87
Figura 40- Questionamento e respostas às partilhas feitas (2) .....	88
Figura 41- Identificação de Áreas de Interesse entre os participantes .....	88
Figura 42- Identificação de Áreas de Interesse entre os participantes .....	89
Figura 43- Esclarecimento dos significados dos diversos termos utilizados.....	89
Figura 44- Pedido de ajuda feito no <i>chat</i> do <i>Facebook</i> .....	90
Figura 45- Pedido de ajuda feito no feed notícias do <i>Facebook</i> .....	90
Figura 46- Partilha de materiais, a pedido de alguns membros.....	91
Figura 47- Empenhamento mútuo de práticas diversificadas (1).....	91
Figura 48- Empenhamento mútuo de práticas diversificadas (2).....	92
Figura 49- Empenhamento mútuo de práticas diversificadas (3).....	92
Figura 50- Empenhamento mútuo de práticas diversificadas (4).....	92

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -Profissão dos participantes na CoP J@rdim do Girassol.....	50
Gráfico 2- Ferramentas utilizadas nas mensagens publicadas no <i>Blog J@rdim do Girassol</i> .....	53
Gráfico 3- Número de mensagens publicadas no <i>Blog J@rdim do Girassol</i> .....	54
Gráfico 4- Número comentários às mensagens publicadas no <i>Blog J@rdim do Girassol</i> .....	55
Gráfico 5- Número de mensagens no mural do <i>Facebook</i> no grupo secreto <i>J@rdim do Girassol</i> .....	58
Gráfico 6- Documentos partilhados no <i>Dropbox</i> .....	60
Gráfico 7- Género e idades dos entrevistados .....	68
Gráfico 8- Faixa etária dos entrevistados.....	68
Gráfico 9- Tempo de serviço (anos).....	69

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Planos de trabalho e núcleos de competência .....	18
Quadro 2- Metas TIC para a educação pré-escolar .....	19
Quadro 3- Datas das aplicações das técnicas e instrumentos de recolha de dados da investigação.....	38
Quadro 4- Algumas das ferramentas da <i>Web 2.0</i> apresentadas em cada semana.....	61
Quadro 5- Descrição de categorias de análise.....	64
Quadro 6- Legenda do instrumento de recolha de dados .....	66
Quadro 7- Legenda da Habilitação Profissional .....	66

## ÍNDICE DE TEXTOS

Texto 1- E-mail enviado a todos os membros da CoP J@rdim do Girassol..... 49

## **ABREVIATURAS**

CoP - Comunidade de Prática

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos vindo a assistir a um grande desenvolvimento da *Internet*. Com o aparecimento da *Web 2.0* “publicar *online* deixa de exigir a criação de páginas *Web* e de saber alojá-las num servidor” (Carvalho, 2008, p.8). Para Carvalho (2008) com estas facilidades qualquer pessoa com acesso à *Internet* pode publicar e comentar conteúdos *online*. Nesse sentido, as ferramentas da *Web 2.0* facultam a criação de comunidades de prática *online*.

Uma comunidade de prática *online*, não é só um grupo de pessoas a usar plataformas da *Web 2.0*. É um grupo de pessoas que têm um tema em comum e por isso interagem, aprendem juntos, constroem relações (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002).

As CoP podem oferecer novas perspetivas para contextos educativos, permitindo aos professores e educadores interagirem entre si, compartilharem materiais, experiências, vivências e problemas. Defende-se a participação dos docentes em CoP e consequente cooperação e colaboração entre eles.

O estudo desenvolvido pretendeu assim demonstrar que as ferramentas da *Web 2.0* favorecem o aparecimento de Comunidades de Prática e consequente cooperação e colaboração entre educadores de infância.

Começamos o presente trabalho com a justificação e com a importância do estudo, a questão de investigação, os objetivos do estudo e a estrutura do projeto.

### **1- Justificação e importância do estudo**

Com este trabalho pretende-se, caracterizar uma comunidade de prática que funcionará *online* e que será extra-curricular das atividades e dinâmicas presenciais do Jardim de Infância da Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul. Tentamos perceber de que forma os educadores de infância cooperaram e colaboraram nessa comunidade e também compreender quais as ferramentas da *Web 2.0* que os educadores de infância elegeram para este efeito.

Pretende-se que, este espaço *online* possa favorecer a interação e comunicação entre todos os educadores da Instituição. Espera-se também, perceber de que forma esta CoP *online* potencializará a utilização das TIC em contexto educativo.

Consideramos de extrema relevância desenvolver um estudo centrado nestas problemáticas, procurando com este trabalho dar algum contributo para um melhor conhecimento desta realidade.

## **2- Questão da investigação e objetivos do estudo**

Orientámos o nosso estudo a partir da questão inicial:

“Em que medida as ferramentas da *Web 2.0* favorecem a criação de CoP e a consequente cooperação e colaboração através da interação *online* entre educadores de infância?”

Tendo em conta o problema enunciado anteriormente, expomos os seguintes objetivos:

- Implementar e dinamizar uma Cop *online* com educadores de infância;
- Incentivar os educadores a serem intervenientes ativos na plataforma, usando as várias ferramentas da *Web 2.0*;
- Perceber quais as ferramentas da *Web 2.0* que facultam o desenvolvimento do trabalho cooperativo e colaborativo;
- Incitar a troca de materiais didáticos para a prática pedagógica em formato digital nas diversas plataformas;
- Averiguar que mudanças se verificaram nas práticas pedagógicas dos educadores de infância, no que toca ao trabalho individual/trabalho colaborativo, após a pertença nesta comunidade;
- Perceber que dinâmicas revelam os educadores de infância deste projeto que são próprias de uma CoP;
- Analisar de que forma é que esta comunidade vai potenciar a utilização das TIC em contexto educativo.

Depois de formulada a questão e os objetivos da investigação foi possível, definir a metodologia a seguir e perceber quais os instrumentos de recolha de dados a serem utilizados neste estudo.

### **3- Estrutura do Trabalho**

Estruturou-se este trabalho em sete capítulos.

No primeiro, segundo e terceiro capítulo fazemos a revisão bibliográfica do tema em estudo, fazemos referência à utilização das TIC no ensino pré-escolar, descrevemos quais as ferramentas da *Web 2.0* utilizadas no estudo e abordamos ainda o conceito de CoP e sua importância para a emergência de ambientes de cooperação e colaboração entre educadores de infância.

No quarto capítulo, descrevemos e justificamos as opções metodológicas e as ferramentas de recolha de dados feitas ao longo do estudo.

No quinto capítulo, fazemos a caracterização da CoP J@rdim do Girassol, mencionando as regras de funcionamento da comunidade. Identificamos as ferramentas da *Web 2.0* utilizadas para a dinamização desta CoP e apresentamos as atividades e dinâmicas desenvolvidas no J@rdim do Girassol.

No sexto capítulo é feita a apresentação, análise e discussão dos resultados.

No último capítulo, resumimos as conclusões finais, reflete-se as limitações do estudo e fazemos algumas sugestões de trabalho para eventuais investigações futuras nesta área.

## **CAPÍTULO 1 – AS TIC NO ENSINO PRÉ-ESCOLAR**

### **1.1 A utilização das TIC no Ensino Pré-Escolar**

É evidente a importância da educação pré-escolar na sociedade atual. Formosinho (1996) citado por Amante (2004, p.139) refere

É inquestionável a importância da educação de infância, quer porque através dela se desenvolvem as mais variadas competências e habilidades, quer ainda porque contribui para a definição de normas, valores e atitudes, cuja interiorização e apropriação se projectará, não só nos níveis de ensino subsequentes, como na vida do futuro cidadão.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997, p.15) podemos ler “ a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”. É nesta etapa da vida que o educador deve “contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso das aprendizagens” (OCEPE, Ministério da Educação, 1997, p.17).

Esta igualdade de oportunidades passa também pela inserção e integração das TIC, no Jardim de Infância. Amante (2005, p.2) sublinha que “ o Jardim de Infância, tem também a responsabilidade de combater esta desigualdade de acesso às TIC, já que, cada vez mais, ela é sinónimo de desigualdade de oportunidades”.

Segundo as OCEPE “ as novas tecnologias da informação e comunicação são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente” e que “a utilização de meios informáticos a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de várias situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário” e o qual “(...) pode ser utilizado em expressão plástica e expressão musical, na abordagem ao código escrito e na matemática” (OCEPE, Ministério da Educação, 1997, p.72).

A utilização das TIC na educação pré-escolar, deve proporcionar às crianças experiências iniciais enriquecedoras. Contudo, temos noção que a utilização das mesmas devem ser concretizadas num determinado contexto e com objetivos definidos.

Pois,

As tecnologias por si só não são mediadoras de aprendizagem, ou seja, as crianças não aprendem se apenas estiverem ligadas a uma determinada tecnologia. As tecnologias têm influência na estratégias de aprendizagem que activam os processos mentais. A educação formal ministrada nas escolas deve manter o computador como ferramenta e aliado educacional, estimulando os alunos à constante procura de informação. (Pires, 2009, P.48)

Nesta linha de ideias importa sublinhar a ideia que a utilização das tecnologias nesta primeira etapa da educação básica não consiste em ensinar as crianças a utilizarem os computadores, mas sim, de “pôr os computadores ao serviço do seu desenvolvimento educacional” (Amante, 2004, pp.139-140).

No seu estudo, Faria (2007) menciona as ideias de vários autores que defendem que “uma utilização frequente das TIC nas rotinas diárias em contexto de Jardim-de-Infância resulta numa crescente autonomia por parte das crianças no desempenho das tarefas” (Cohen, 200; Haugland, 2000; Gilutz & Nielsen 2002; Gentilhme et al., 2003 citado por Faria, 2007, p.40).

A introdução das TIC na Educação Pré-Escolar vai conduzir a uma nova vitalidade na prática pedagógica, que leva o educador a refletir as suas opções e práticas educativas, porque sem dúvida “quando aplicadas de modo apropriado, as tecnologias podem desenvolver as capacidades cognitivas e sociais, devendo ser utilizadas como uma de muitas outras opções de apoio à aprendizagem” (Moreira, 2002 citado por Brito, 2010, p.3).

É claro que a integração das tecnologias nas práticas educativas constitui um desafio para o educador. Sendo que, “a preparação das actividades lúdico-didáticas passa a ser muito mais exigente que no passado porque o educador experiencia situações novas, também para ele, são de desafio e que por vezes nem domina” (Faria, 2007, p.40).

O educador deve apostar em atividades, assentes em metodologias tão diferentes quanto possível: criação, narração e posterior visualização de histórias, investigação, experimentação, *podcasts*, criação de *e-portfólios*, construção de plataformas colaborativas, etc.

Concluindo este pensamento: tecnologia não é sinónima de aprendizagem, depende da planificação educativa do educador. Segundo Amante (2007),

Melhorar a qualidade da educação passa, entre muitas outras coisas, por saber tirar partido dessa tecnologia, por pô-la ao serviço de um projecto educativo renovado em que para além do que se aprende, se aprende a aprender. Assim, mais uma vez, a resposta possível não está na tecnologia mas sim nas pessoas e nas instituições (Amante, 2007, p.60).

É importante deixar a porta aberta para as tecnologias entrarem no Jardim de Infância, contudo a forma como elas ingressam, depende do educador e da sua planificação. Sem dúvida que, cada vez mais o educador tem um papel mais ativo na integração das TIC no Jardim de infância, o qual tem ao seu alcance diversas metodologias e ferramentas da Web 2.0.

## **1.2 Metas de aprendizagem TIC no Jardim de infância**

As metas de aprendizagem na área das TIC surgiram em 2010, no âmbito do projeto Metas de Aprendizagem, uma iniciativa do Ministério da Educação. Este projeto

tinha como finalidade a explicitação das “Metas de Aprendizagem” nas diferentes áreas curriculares/disciplinares e que viria a permitir que também as aprendizagens associadas às TIC, pela primeira vez no nosso País, fossem consideradas de forma integrada para os diferentes níveis que compõem a escolaridade, incluindo a educação pré-escolar (Costa, 2010, p.931).

Em relação ao ensino Pré-Escolar, “ a definição destas aprendizagens tem como propósito último servir de orientação para educadores de infância relativamente à selecção de estratégias de ensino e de avaliação dos resultados da aprendizagem” (Ministério da Educação, 2010, p.1).

As TIC surgem como área de formação transdisciplinar, ou seja, “da responsabilidade de todas as disciplinas do currículo, sem pertencer a nenhuma delas” (Costa, 2010, p. 934).

O autor supracitado afasta a ideia de existir uma disciplina que ensine as ferramentas, este considera que se deve aprender com as tecnologias.

Perante este argumento, faz todo sentido que no ensino pré-escolar “a aquisição e o desenvolvimento dessas aprendizagens sejam assentes numa lógica de trabalho articulada entre diferentes áreas curriculares” (Metas de aprendizagem, Ministério da Educação, 2010, p.1).

Relativamente às metas de aprendizagem na área das TIC, Costa refere (2012, p.51),

para operacionalização das metas tomou-se como base de trabalho uma lógica de ligação e interacção entre diferentes campos do conhecimento científico (áreas disciplinares), por sua vez em articulação estreita com as aquisições de natureza transversal estruturantes para o desenvolvimento global do individuo.

Nesse sentido, estruturou-se segundo Costa (2012, p.52)

as áreas de competência organizadas, pela sua especificidade. Em três planos de trabalho complementares: (I) Competências Tecnológicas, (II) Competências Transversais em TIC e (III) Competências Transversais Gerais. Para cada um destes planos foram definidos os núcleos de competência considerados fundamentais.

Podemos verificar os planos de trabalho e núcleos de competências no quadro 1.

Quadro 1 - Planos de trabalho e núcleos de competência

<p>I. Competência Tecnológica</p> <p>A. CONHECIMENTO TÉCNICO-INSTRUMENTAL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS – Capacidade de operar com as tecnologias digitais, demonstrando compreensão dos conceitos envolvidos e das suas potencialidades para a aprendizagem.</p> <p>II. Competências Transversais em TIC</p> <p>B. INFORMAÇÃO – Capacidade de procurar e de tratar a informação de acordo com objectivos concretos: investigação, selecção, análise e síntese dos dados.</p> <p>C. COMUNICAÇÃO – Capacidade de comunicar, interagir e colaborar usando ferramentas e ambientes de comunicação em rede como estratégia de aprendizagem individual e como contributo para a aprendizagem dos outros.</p> <p>D. PRODUÇÃO – Capacidade de sistematizar conhecimento com base em processos de trabalho com recurso aos meios digitais disponíveis e de desenvolver produtos e práticas inovadores.</p>
---

E. SEGURANÇA – Capacidade para usar recursos digitais no respeito por normas de segurança.

III. Competências Transversais Gerais

F. META-APRENDIZAGEM – Capacidade de aprender a aprender e aprender a estudar (autodisciplina, gestão do tempo, etc.).

G. AUTOAVALIAÇÃO – Capacidade de observar e analisar o seu comportamento (tomada de consciência de si e do seu estilo de aprendizagem; tomada de consciência de dificuldades e problemas na aprendizagem; etc.).

H. AUTORREGULAÇÃO – Capacidade de compreender os desempenhos esperados nas diferentes áreas de aprendizagem (critérios de excelência, regras, etc.) e de melhorar o seu desempenho escolar.

I. EXPRESSÃO – Capacidade de se expressar em diversas linguagens em suporte digital.

J. CRIATIVIDADE - Capacidade de pensar de forma criativa com recurso a diferentes tecnologias digitais.

K. ÉTICA – Capacidade para usar recursos digitais para otimizar a aprendizagem, no respeito por normas de cidadania e de ética (respeito pelos direitos de autor, conduta para com os outros, etc.).

Fonte: Costa (2012, p.52-53)

O mesmo autor acrescenta que “as metas elaboradas emergem das áreas definidas no Plano II, Competências Transversais em TIC, por se acreditar que os outros dois planos se encontram subjacentes a qualquer tipo de trabalho desenvolvido ao nível do plano” (Costa, 2012, p.52).

Sendo assim, organizou-se as metas de aprendizagem (existem nove) em articulação com as quatro áreas de competência em TIC (Informação, Comunicação, Produção e Segurança). Estas metas de aprendizagem para a educação pré-escolar são apresentadas no quadro 2.

Quadro 2- Metas TIC para a educação pré-escolar

ÁREA	METAS FINAIS
INFORMAÇÃO	Meta Final 1)
	No final da educação pré-escolar, a criança explora livremente jogos e outras

	<p>atividades lúdicas acedendo a programas e a páginas da Internet a partir do ambiente de trabalho, disponibilizadas pelo educador</p>
	<p>Meta Final 2)</p> <p>No final da educação pré-escolar, a criança identifica informação necessária em recursos digitais offline e online (jogos de pares, de sinónimos e contrários, de cores e tamanhos, etc.), disponibilizados pelo educador a partir do ambiente de trabalho.</p>
	<p>Meta Final 3)</p> <p>No final da educação pré-escolar, a criança categoriza e agrupa informação em função de propriedades comuns recorrendo a fontes offline e online disponibilizadas pelo educador a partir do ambiente de trabalho.</p>
COMUNICAÇÃO	<p>Meta Final 4)</p> <p>No final da educação pré-escolar, a criança identifica as tecnologias como meios que favorecem a comunicação e fortalecimento de relações de reciprocidade com outras pessoas (família/escola; comunidade/escola; escola/escola).</p>
	<p>Meta Final 5)</p> <p>No final da educação pré-escolar, a criança interage com outras pessoas utilizando ferramentas de comunicação em rede, com assistência do educador.</p>
PRODUÇÃO	<p>Meta Final 6)</p> <p>No final da educação pré-escolar, a criança representa acontecimentos e experiências da vida quotidiana ou situações imaginadas, usando, com o apoio do educador, ferramentas digitais que permitam inserir imagens, palavras e sons.</p>
	<p>Meta Final 7)</p> <p>No final da educação pré-escolar, a criança utiliza as funcionalidades básicas de algumas ferramentas digitais (e.g., programas de desenho) como forma de expressão livre.</p>
SEGURANÇA	<p>Meta Final 8)</p> <p>No final da educação pré-escolar, a criança participa na definição de regras, comportamentos e atitudes a adotar relativamente ao uso dos equipamentos e ferramentas digitais, incluindo regras de respeito pelo trabalho dos outros.</p>
	<p>Meta Final 9)</p>

	No final da educação pré-escolar, a criança cuida e responsabiliza-se pela utilização de equipamentos e ferramentas digitais, observando as normas elementares de segurança definidas em grupo (e.g., ligar/desligar o computador; ter cuidado com as tomadas).
--	---

Fonte: Costa (2012, p.133-134)

Servindo-nos das palavras de Costa (2010, p.934), as metas de aprendizagem não perspetivam “ o ensino das tecnologias, mas a aprendizagem com as tecnologias”.

Amante (2007, p.56) reforça esta perspetiva dizendo que “ não se trata de ensinar as crianças a usar as TIC mas antes, de as pôr ao serviço do seu desenvolvimento educacional”.

As TIC na educação pré-escolar assume-se como área de formação transversal, podendo ser trabalhada em todas as áreas de conteúdo. Contudo, as TIC não podem ser vistas como mais uma instrumento para trabalhar nas várias atividades/áreas de conteúdo, devem ser vistas como “um instrumento cultural ao serviço de experiências de aprendizagem educacionalmente relevantes” (Amante, 2007, p57).

Em síntese, as metas de aprendizagem na educação pré-escolar surgiram para identificar um conjunto de competências que as crianças devem adquirir na área das TIC.

As TIC entram no pré-escolar como competência transversal, como ferramenta com grandes potencialidades se o educador souber utilizar na sua planificação diária.

Sem dúvida que trabalhar as várias áreas de conteúdos com as TIC pode potenciar o desenvolvimento global da criança.

## CAPÍTULO 2 – WEB 2.0: FERRAMENTAS COOPERATIVAS/COLABORATIVAS

### 2.1 Web 2.0: Da Cooperação à Colaboração

Concordamos com os autores (Coutinho et al., 2009, p.5614) quando nos dizem que

o termo Web 2.0 é utilizado para descrever a segunda geração da World Wide Web, estando agora mais próximo da visão original de Tim Berners-Lee, isto é, a Web como espaço de colaboração, meio de interacção, comunicação global e compartilhamento de informações, construindo aquilo que designamos por inteligência colectiva.

Também Primo (2007, p.1) refere que “a Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho colectivo, de troca afectiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática”.

Sem dúvida, que a *Web 2.0* com as suas ferramentas podem potenciar o trabalho cooperativo e colaborativo, assim como revolucionar a forma como os utilizadores interagem com a *internet*.

Segundo Coutinho e Bottentuit Junior (2007, p. 200)

as ferramentas da Web 2.0 podem ser classificadas em duas categorias: na primeira categoria, incluem-se as aplicações que só podem existir na Internet e cuja eficácia aumenta com o número de utilizadores registados, como por exemplo: Google Docs & Spreadsheets, Wikipédia, del.icio.us, YouTube, Skype, eBay, Hi5, etc.; na segunda categoria, incluem-se as aplicações que podem funcionar offline, mas que também podem trazer grandes vantagens se estiverem online: Picasa Fotos, Google Maps, Mapquest, iTunes, etc.

Como menciona Carvalho (2008, p.8), “ a Web passa a ser encarada como plataforma, na qual tudo está facilmente acessível”, o utilizador, que anteriormente tinha um papel passivo, agora pode produzir, alterar, acrescentar e partilhar conhecimento, mesmo não possuindo grandes conhecimentos tecnológicos. Graças às ferramentas de *Web 2.0*, “as pessoas passaram a produzir os seus próprios documentos e a publicá-los automaticamente na rede, sem a necessidade de grandes conhecimentos de programação e de ambientes sofisticados de informática” (Coutinho e Bottentuit Junior, 2008, p.1862).

Segundo Carvalho (2008, p.8),

a facilidade em publicar conteúdos e em comentar os “posts” fez com de que as redes sociais se desenvolvessem online. Postar e comentar passaram a ser duas realidades complementares, que muito têm contribuído para desenvolver o espírito crítico e para aumentar o nível de interação social online.

Perante esta realidade as ferramentas da *Web 2.0* podem ser úteis no ensino, pois permitem aos professores e alunos interagirem e comunicarem entre si. Neste sentido “escrever online é estimulante para professores e para os alunos” (Carvalho, 2008, p.8).

Carvalho (2008, p.12) complementa ainda, “as publicações do professor e dos alunos deixam de estar limitadas à turma e ficam disponíveis para toda a rede”. O autor refere que as ferramentas da *Web 2.0* são uma oportunidade para que professores e alunos possam aprender colaborativamente, divulgando e compartilhando as suas experiências e saberes.

A *Web 2.0* está a revolucionar a forma de aprender e ensinar. Santamaría (2005, p.2) afirma

que hoje em dia a aprendizagem é considerada uma actividade social. Um estudante não aprende só com o professor e/ou do livro nem só na aula, aprende também a partir de muitos agentes, dos meios de comunicação, dos colegas, da sociedade em geral, etc.

Perante este cenário o professor tem que ter um papel inovador perante o seus alunos. Graziola Junior & Schlemmer, 2008 citado por Coutinho (2009, p.78) mencionam que

o aluno deixa de ser receptor de informações para ser o responsável pela construção do seu conhecimento, usando o computador e Internet para buscar, seleccionar, inter-relacionar informações significativas na exploração, reflexão e representação de suas próprias idéias, segundo o seu estilo e forma de pensar. Cabe ao professor construir ambientes desafiadores, em que a tecnologia ajude a promover o desenvolvimento da autonomia, da criatividade, da sistematização do conhecimento, do desenvolvimento da colaboração, da cooperação e auto-estima.

No processo de aprendizagem colaborativa ocorrente nos ambientes de rede, recursos como *Youtube*, *blogues*, redes sociais podem ter alguma importância

fundamental. Nessa perspectiva, o presente estudo propõe-se a considerar a aprendizagem cooperativa e colaborativa nos ambientes de rede, sendo o *Blog*, *Facebook* (rede social) e o *Dropbox* alguns dos recursos interativos analisadas.

Relativamente, ao binómio colaboração/cooperação, importa mencionar que no presente trabalho consideramos os benefícios de ambos os métodos.

os modelos de aprendizagem cooperativa baseiam-se mais numa distribuição do trabalho entre participantes no grupo, enquanto a colaboração supõe desenvolvimento mútuo dos participantes num esforço coordenado e síncrono na resolução da tarefa ou problema.(Dias, 2004, p.2)

A *Web 2.0* e as suas ferramentas cooperativas e colaborativas vieram revolucionar os processos de ensino-aprendizagem, embora o modelo colaborativo esteja mais associado à

aprendizagem suportada por computador, não nos parece que exista lugar para uma diferenciação radical entre as duas abordagens na medida em que ambas se baseiam na interação e no seu papel fundamental na construção da representação social e do grupo. (Dias, 2004, p.2)

A aprendizagem colaborativa ou cooperativa não depende só da tecnologia para ocorrer. Como refere Miranda-Pinto (2009, p.187),

As TIC por si só não se revelam como factor de colaboração, mas podem apoiar o estabelecimento de um efectivo trabalho colaborativo. A aprendizagem mediada pelas TIC ajuda a promover o trabalho em rede, onde o individuo não é percebido de modo isolado, mas integrado num grande grupo e em interação com os outros.

As ferramentas da *Web 2.0* possibilitam a aprendizagem cooperativa e colaborativa, proporcionam espaços virtuais promotores de construção de conhecimento. Cabe ao professor mediante a sua planificação inserir estas ferramentas na sala de aulas e criar assim ambientes cooperativos e/ou colaborativos, ambientes *online* onde os professores e alunos constroem conhecimento.

## 2.2 As ferramentas da *Web 2.0*: ferramentas cooperativas/ colaborativas

### 2.2.1 *Blog*

Segundo Coutinho e Bottentuit Junior (2007, p.200), existe um grande número de ferramentas disponíveis na *Web 2.0* “softwares que permitem a criação de uma rede social, ferramentas de escrita colaborativa, ferramentas de comunicação online e ferramentas de acesso a vídeos”.

O *Blogue* pode ser uma ferramenta que permite a criação de uma rede social, mas também pode ser uma ferramenta colaborativa. É como ferramenta colaborativa, que esta costuma aparecer em contexto educativo.

De acordo com a *Wikipédia* (2012), a enciclopédia livre e colaborativa:

O termo *weblog* foi criado por Jorn Barger em 17 de dezembro de 1997. A abreviação *blog*, por sua vez, foi criada por Peter Merholz, que, por brincadeira, desmembrou a palavra *weblog* para formar a frase *we blog* (“nós blogamos”).

Segundo Gomes (2005, p.311), *blogue*:

É uma página na web que se pressupõe ser actualizada com grande frequência através da colocação de mensagens – que se designam “posts” – constituídas por imagens e/ou textos normalmente de pequenas dimensões (muitas vezes incluindo links para sites de interesse e/ou comentários e pensamentos pessoais do autor) e apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes normalmente apresentadas em primeiro lugar.

Para iniciar um *blogue* é necessário escolher um *site* que ofereça o serviço de publicação na *Web*. Há uma grande diversificação de oferta de serviços, na maioria gratuitos. Existem diversas ferramentas de criação de *blogues*, dentre elas o *Blogger* ([www.blogger.com](http://www.blogger.com)) e o *Wordpress* (<http://wordpress.com/>).

No *Blogue*, para além da integração de texto, de imagem e de hiperligações é possível fazer uso de outras funcionalidades como o recurso aos serviços de *podcasts*, aplicações do tipo *slide-show*, pequenos vídeos publicados no *Youtube* e ainda serviços de alojamento de fotografias (Faria, 2008).

Graças às potencialidades desta ferramenta, esta está a ser usada cada vez mais na área da educação. Para Miranda-Pinto (2009, p.92) “as ferramentas que mais proliferam no âmbito educativo são os blogs”.

Os *blogues* podem ser utilizados como recurso pedagógico ou como estratégia pedagógica. Segundo Gomes (2005, pp. 312-313),

Enquanto recurso pedagógico os blogs podem ser:

- Um espaço de acesso a informação especializada.
- Um espaço de disponibilização de informação por parte do professor.

Enquanto estratégia pedagógica os blogs podem assumir a forma de:

- Um portfólio digital
- Um espaço de intercâmbio e colaboração
- Um espaço de debate – role playing
- Um espaço de integração

Esta autora (Gomes, 2005, pag.312), embora admitindo que a distinção entre “os blogs enquanto ‘recurso pedagógico’ e os blogues enquanto ‘estratégia pedagógica’ nem sempre seja clara e, frequentemente, seja de natureza algo arbitrária” adota esta distinção por achar que esta vai ajudar sistematizar as ideias em relação ao uso dos *blogs* em contexto educativo.

Ou seja, o que distingue um blogue utilizado como recurso pedagógico de um blogue utilizado como estratégia pedagógica são as atividades e estratégias propostas no ambiente (Boeira, 2007). Aqui o papel assumido pelo professor e pelos alunos tem uma grande importância (Carvalho & Carvalho, 2011).

São cada vez mais os docentes que desenvolvem blogues com alunos e para alunos, de grande interesse sobre o ponto de vista educativo e pedagógico.

### **2.2.2 Facebook**

O *Facebook* (<https://www.facebook.com/>) é a rede social mais utilizada em todo o mundo por usuários ativos mensais, é um *site* e serviço de rede social que foi

lançada em 4 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg e por seus colegas de quarto da faculdade, inicialmente era circunscrito aos estudantes de Harvard mas, em pouco tempo, estendeu-se por várias faculdades. Hoje em dia, qualquer utilizador desde que maior de 13 anos pode participar nesta rede social (Wikipedia, 2013).

Esta rede social, graças às suas ferramentas e aplicações permite interação entre os seus utilizadores, indo ainda mais longe, permite a construção e a partilha de informações, experiências e conhecimentos.

Como o próprio slogan do *Facebook* diz “Facebook is a social utility that connects you with the people around you”.

Segundo Educause (2007), citado por Patrício, Maria Raquel e Gonçalves, Vítor (2010, p.7),

O Facebook oferece uma lista de ferramentas e aplicações que permitem aos utilizadores comunicar e partilhar informações (adicionar fotografias, vídeos, comentários, ligações, enviar mensagens, integração com outros websites, dispositivos móveis, aplicações de e-mail, RSS feeds e outras tecnologias) bem como, controlar quem pode ter acesso à informação específica ou realizar determinadas ações.

Uma outra funcionalidade é a criação de grupos: abertos, fechados e secretos. Os grupos permitem a inscrição de indivíduos fora do círculo de amigos e permite a troca de informação apenas acessível aos seus membros (grupos fechados e secreto).

Esta funcionalidade permite por exemplo um grupo de professores de uma determinada área ou nível de ensino trocar experiências, opiniões, divulgar recursos educativos, divulgar informação sobre determinados temas (Correia, 2011).

Gracias às ferramentas e aplicações desta rede social o *Facebook* pode ter algumas potencialidades educativas. Esta rede social pode permitir que os alunos “interajam entre si e, colaborando, desenvolvam as competências previstas pelos programas da disciplinas” (Minhoto & Meireles, 2011, p.1701).

O *Facebook* também pode ser uma ferramenta de trabalho importante, à qual os professores podem recorrer com vista à interação, à colaboração com os alunos, mas também pode permitir aos professores interagirem com outros docentes

facilitando assim a construção conjunta do conhecimento e criação de soluções para problemas comuns das práticas profissionais.

Em suma, esta rede social está disponível gratuitamente, é muito intuitiva e muito fácil de utilizar tanto por alunos como professores, esta ferramenta pode ser utilizada como espaço de encontro, de partilha, de interação, de reflexão e discussão de ideias/temas.

### **2.2.3 Dropbox**

Uma das ferramentas da *Web 2.0* é o *Dropbox*. O *Dropbox* (<https://www.dropbox.com/> ) define-se a si mesmo como “ a free service that lets you bring your photos, docs, and videos anywhere and share them easily”.

*Dropbox* é um serviço para armazenamento de arquivos. É baseado no conceito de "computação em nuvem". A empresa desenvolvedora do programa disponibiliza poderosas centrais de computadores que conseguem armazenar os arquivos de seus clientes ao redor do mundo. Uma vez que os arquivos sejam devidamente copiados para os servidores da empresa, passarão a ficar acessíveis a partir de qualquer lugar que tenha acesso à *Internet*. O princípio é o de manter arquivos sincronizados entre dois computadores que tenham o *Dropbox* instalado (Wikipedia, 2013).

Esta ferramenta disponível na *Web* é gratuita, fácil de usar, com uma interface bastante acessível.

O *Dropbox* é uma ferramenta versátil que pode ser usada de diversas maneiras.

Devido às suas potencialidades o *Dropbox* pode ser utilizado em contexto escolar. Permite aos professores e aos alunos sincronizar documentos e arquivos entre computadores.

Esta funcionalidade permite desenvolver a interação entre os alunos, constituindo-se como uma ferramenta colaborativa de apoio à realização de tarefas. A vantagem desta ferramenta é poder também ser utilizada entre professores, o que pode permitir construir projetos cooperativos e colaborativos entre docentes.

Nessa linha de ideias são oportunas as palavras de Amante (2007), quando refere que

Importa ainda fazer sentir aos educadores/professores que as novas tecnologias, para além de instrumentos promotores de experiências educativas junto das crianças, são também meios de comunicação e de colaboração entre profissionais, constituindo-se portanto como poderosos instrumentos do seu próprio desenvolvimento profissional. (p.58)

Sem dúvida que as ferramentas da *Web 2.0* vieram inovar todo o processo de ensino/aprendizagem, dadas as potencialidades que estas ferramentas podem oferecer no processo ensino, nomeadamente sendo usadas como ferramentas de colaboração entre docentes e fomentar o cooperativismo entre a comunidade escolar.

Assim é fácil entender que as supracitadas ferramentas podem espicaçar a forma como ensinamos e como aprendemos.

No campo educativo, é importante que as escolas se adaptem a este novo mundo digital, que permite aos professores, alunos e pais acederem a trabalhos e informações, permitindo a resolução de problemas em conjunto.

## CAPÍTULO 3 – AS COMUNIDADES DE PRÁTICA E O TRABALHO COOPERATIVO/COLABORATIVO ENTRE EDUCADORES DE INFÂNCIA

### 3.1 Conceito de Comunidade de prática

as ferramentas colaborativas da Web 2.0 como fóruns, Wikis e, também, o reconhecido Facebook permitem, como software social, o desenvolvimento de diversas comunidades em rede. Miranda-Pinto (2012, p.49)

Para esta investigação, as ferramentas da *Web 2.0* foram fulcrais para criar uma comunidade de prática. Mas o que são comunidades de prática? Este não é um conceito novo “Comunidades de prática não são uma ideia nova. Elas são as primeiras formas de conhecimento baseadas em estruturas sociais” (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, pp. 4-5), pois segundo estes autores, este conceito de comunidade de prática já existia na Idade Média, como corporações que tinham um interesse em comum.

Hoje em dia, as comunidades de prática estão por todo o lado, e nós pertencemos a muitas delas, “Communities of practice are everywhere. We all belong to a number of them – at work, at school, at home, in our hobbies” (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, pp. 4-5).

Neste trabalho, vamos focar-nos nas comunidades de prática *online*, ou seja, usando algumas ferramentas da *Web 2.0*, um conjunto de pessoas com um interesse em comum partilharão problemas, reflexões, vivências e assim constroem conhecimento. É claro que as ferramentas da Web 2.0 são apenas um instrumento que facilita essa interação, esse conhecimento, pois

A communitie of practice is not a just a Web site, a database, or a collection of beste practices. It is a group of people who interact, learn together, build relationships, and in the process develop a sense of belonging and mutual commitment. Having others who share your overall view of the domain and yet bring their individual perspectives on any given problem creates a social learnig system that goes beyond the sum of its parts. (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, p. 34)

Wenger juntamente com McDermott e Snyder, na obra que publicaram em 2002 definem CoP:

Communities of Practice are groups of people who share a concern, a set of problems, or passion about a topic, and who deepen their Knowledge and expertise area by interacting on an ongoing basis(...). These people don't necessarily work together every day, but they meet because they find value in their interactions. As they spend time together, they typically share information, insight, and advice. They help each other solve problems. They discuss their situations, their aspirations, and their needs. They ponder common issues, explore ideas, and act as sounding boards. They may create tools, standards, generic designs, manuals, and other documents – or they may simply develop a tacit understanding that they share. However they accumulate knowledge, they become informally bound by the value that they find in learning together.(...) they also develop personal relationships and establishes ways of interacting. They may even develop a common sense of identity. They become a community of practice. (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, pp. 4-5)

Segundo estes autores, uma CoP é então um grupo de pessoas com um interesse em comum, com uma paixão por um tema, que reconheceram o valor das interações feitas nessa comunidade. Ao participarem nessa CoP, as pessoas partilham problemas, conselhos e informações.

Miranda-Pinto (2009, p.203), reforça a ideia que uma

“CoP é diferente de uma equipa de trabalho porque é definida por um tópico de interesse, não por uma tarefa que se tem que realizar. A construção de novos saberes resulta de uma interação espaçada no tempo, o que revela em novas formas de resolver problemas e organizar estratégias de ação perante novos desafios. Os laços de amizade e coletividade que se estabelecem numa CoP permitem definir a sua identidade e tornar os indivíduos membros efetivos na comunidade”.

Numa comunidade de prática, é fundamental haver um interesse comum, para alargar e aprofundar conhecimentos através de partilha de conhecimentos, informações práticas. As CoP permitem aos utilizadores terem um papel ativo na sua aprendizagem, ou seja, podem aprender juntos, melhorar e adquirir novos conhecimentos. Possibilitam a troca de experiências, observações e reflexões sobre determinado assunto.

Para Miranda-Pinto (2012, p.50),

os utilizadores deixam de ser apenas observadores-participantes e passam a ser construtores empenhados dos ambientes e interações que decorrem nas comunidades.

Wenger, McDermott e Snyder (2002) não reconhecem nas CoP apenas potencial de gerar novo conhecimento; reconhecem ainda que as “communities of practice are the ideal social structure for “stewarding” knowledge” (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, p.12). Importa realçar que, segundo Wenger as CoP podem ir mais além do que “hospedar” e gerir conhecimento.

“Communities of practice should not be reduced to purely instrumental purposes. They are about Knowing, but also about being together, living meaningfully, developing a satisfying identity, and altogether being human” (Wenger, 1998, p.134).

Para o autor supracitado, nas CoP para além de se construir e hospedar conhecimento, os membros dessa comunidade podem desenvolver um sentido comum de identidade.

### 3.2 Os elementos estruturais de uma CoP

As comunidades de prática partilham a mesma estrutura comum.

A community of practice is a unique combination of three fundamental elements: a domain of knowledge, which defines a set of issues; a community of people who care about this domain; and the shared practice that they are developing to be effective in their domain. (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, p.27)

Ou seja, para estes autores uma comunidade para ser considerada uma comunidade de prática, tem de ter três elementos estruturais: o domínio, a comunidade e prática (Figura 1).

**Domínio:** define a identidade da comunidade e inspira a participação dos seus membros. O domínio de uma comunidade de prática é um assunto pelo qual todos os membros dessa CoP têm um interesse, se não existir esse ímpeto a comunidade pode nascer, mas não se desenvolverá (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002).

**Comunidade:** a estrutura social que, numa interação de experiência e competência, cria relações de respeito, partilha, confiança. É importante que os

membros da CoP interajam regularmente, para que se possa desenvolver uma história, uma identidade comum (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002).

To build a community of practice, members must interact regularly on issues important to their domain. Having the same title, for instance, is not enough. You can all be safety managers in different business units, but unless you interact, you do not form a community of practice. Moreover, these interactions must have some continuity. (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, pp.34, 35)

Com essas interações vai-se construindo uma aprendizagem individual e coletiva (Figueiredo, 2001).

Para uma Comunidade de Prática ter sucesso é importante que os seus membros entrem para essa CoP de forma voluntária “participation is voluntary” (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, p.36). Por vezes, para essa CoP se desenvolver é necessário haver um líder, “All communities of practice depend on internal leadership, but healthy communities do not depend entirely on the leadership of one person” (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, p.36).

Para Osório e Miranda-Pinto (2010, p.155),

A colaboração e a liderança em ambientes informais de aprendizagem revelam-se dimensões cada vez mais importantes, para garantir a sustentabilidade destes espaços.

Esses autores consideram que

o papel de líder numa comunidade online pode condicionar a sua própria dinâmica, a colaboração, a sustentabilidade e durabilidade. Esta liderança distribuída e partilhada funciona como mecanismo que fortalece as ações na comunidade e as relações entre os participantes, porque promove as interações em áreas diversificadas e vai simultaneamente ao encontro dos interesses de todos. (Osório & Miranda-Pinto, 2010, pp.164,165)

**Prática:** conjunto de artefatos: cenários, ideias, ferramentas, informação, estilos, linguagem, histórias e documentos que a comunidade partilha e mantém (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002).

Para que haja uma CoP, não chega os membros terem uma paixão em comum, não chega partilhar ideias e vivências esporadicamente, é necessário manter essa partilha para que em conjunto construam conhecimento.

Nem todas as comunidades são CoP, para ser uma comunidade de prática os três elementos fundamentais (domínio, prática e comunidade) têm que coexistir e funcionar bem em conjunto (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002). Os supracitados autores reforçam “It is important to develop all three elements in parallel. Focusing too much on one while neglecting the others can be counterproductive” (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, p.46).

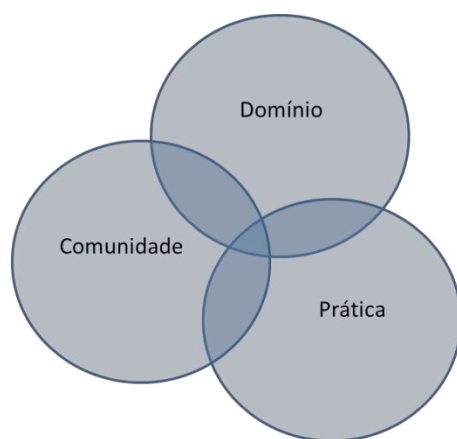


Figura 1- Os três elementos fundamentais para existir uma comunidade

À partir do momento que uma comunidade “nasce” é preciso cuidar dela para que esta cresça e se desenvolva (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002).

Os autores supracitados (Wenger, McDermott & Snyder, 2002) citados por Miranda-Pinto, M. S. (2009, p.214), enumeram sete princípios para uma CoP online se tornar bem-sucedida:

1. Desenhar a comunidade tendo em conta a sua evolução;
2. Abertura do diálogo entre perspectivas internas e externas;
3. Convidar para diferentes níveis de participação;
4. Desenvolver na comunidade espaços públicos e privados;

5. Focar os valores e interesses dos participantes;
6. Articular familiaridade com o entusiasmo;
7. Criar um ritmo ou rotina para a comunidade.

Estes sete princípios não são uma receita, são apenas uma orientação para quem quiser criar e apoiar uma CoP (Wenger, McDermott e Snyder (2002)).

De acordo com os autores que temos vindo a citar, uma CoP tem um ciclo de vida (nasce, cresce e morre). Acrescentam ainda que existem cinco fases de desenvolvimento de uma CoP (no ciclo de vida): potencial, expansão, maturidade, sustentabilidade e transformação (Figura 2).

communities of practice continually evolve, we have observed five stages of communities development: potencial, coalescing, maturing, stewardship, and transforming. (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, p.68)

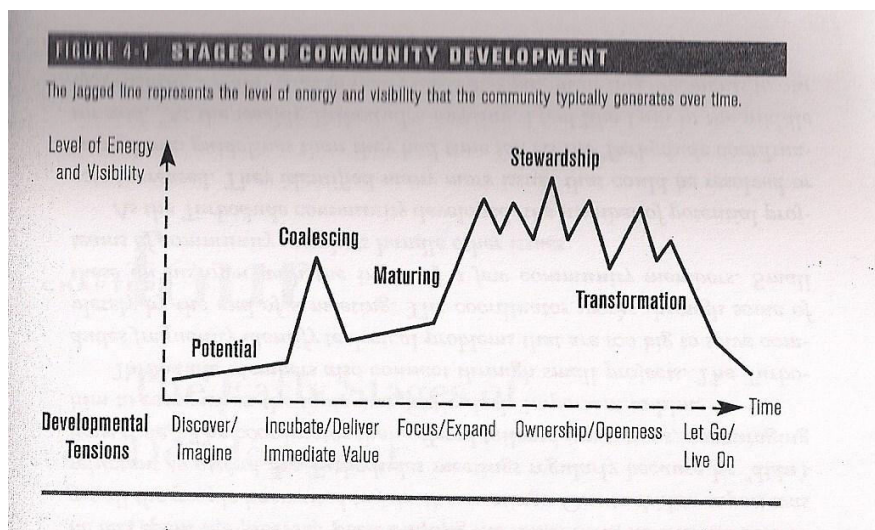


Figura 2- Estádios de Desenvolvimento de uma Comunidade (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, p.69)

Wenger, McDermott e Snyder (2002), mencionam que na fase preparatória de uma CoP deve-se ter atenção á estrutura tecnológica, mas claro que não devemos centrar a conceção de uma CoP na tecnologia.

another aspect of preparion phase that bears special mention is the technological infrastructure. For many organizations, It tools have provide the focus for knowledge-management initiatives, and yet we argued in chapter I that even the

best technology applications fail unless practitioners adapt them to reflect their practice. (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, p.197)

Wenger, McDermott e Snyder (2002) mostram algumas das facilidades a considerar:

- um sítio na Internet que evidencie a existência da CoP e que descreva o seu domínio e actividades;
- um espaço para conversação online;
- um repositório para os documentos (relatórios, boas práticas, normas, etc.);
- um bom sistema de pesquisa para facultar fácil o acesso ao conhecimento;
- uma listagem dos membros que apresente alguma informação sobre a sua área de especialidade em alguns casos particulares, espaços partilhados de colaboração síncrona, para melhorar eventuais teleconferências com elementos visuais;
- ferramentas de gestão da comunidade, ou seja, ferramentas que permitam criar registos da atividade dos membros.

As ferramentas colaborativas da *Web 2.0* são fulcrais para o surgimento das CoP. Contudo, é preciso o empenhamento dos seus membros para que ela passe pelas diferentes fases de desenvolvimento.

Concordamos com Miranda-Pinto (2009, p.50), quando menciona que

Os participantes são importantes nas CoP's online e, para além disto, a partilha de experiências, de boas estratégias de moderação e liderança e a regulação das atividades podem constituir-se como elementos chave da sua sustentabilidade e prolongar o ciclo de vida da comunidade.

Pretendemos que esta CoP formada por educadores de Infância da Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul mostre várias particularidades, apresentadas por Wenger, McDermott e Snyder.

## CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

Tendo em conta a questão deste estudo: “Em que medida as ferramentas da *Web 2.0* favorecem a criação de CoP e a consequente cooperação e colaboração através da interação *online* entre educadores de infância? optou-se por uma metodologia de cariz qualitativo que tomou a forma de um estudo de caso.

Ao longo deste capítulo apresenta-se o tipo de estudo assim como as técnicas e instrumentos de recolha de dados.

### 4.1 Tipo de estudo

No presente estudo optou-se por um estudo de caso, pois pretendemos explorar, descrever e explicar (Yin,1994) a Comunidade de prática *online* J@rdim do Girassol.

Esta abordagem metodológica de investigação é adequada quando procuramos compreender e explorar um fenómeno num ambiente natural (Coutinho & Chaves, 2002), que é o caso do nosso estudo.

Para Yin (1998) um estudo de caso é abordagem empírica que:

- “ - Investiga um fenómeno atual no seu contexto real; quando,
- os limites entre determinados fenómenos e o seu contexto não são claramente evidentes; e no qual
- são utilizadas muitas fontes de dados.” (Yin, 1998, citado por Carmo e Ferreira,1998).

Na recolha de dados privilegiou-se a utilização de variadas fontes de evidência, tal como é sugerido pelo autor supracitado, permitindo uma maior sustentação empírica dos resultados obtidos.

Como técnicas e instrumentos de recolha utilizou-se: grupo de enfoque ou *focus group*, observação participante e entrevistas.

A seguir apresentamos o Quadro 3 onde se sintetizam as principais etapas da investigação, as técnicas e os instrumentos.

Quadro 3- Datas das aplicações das técnicas e instrumentos de recolha de dados da investigação.

Fevereiro de 2013	Janeiro de 2014	Julho de 2014
Focus Group ou grupo de Enfoque		
Observação participante		
	Entrevistas	

Como é comum num estudo de caso, recorremos a uma estratégia de investigação de triangulação de dados recolhidos, para aumentar a credibilidade das interpretações realizadas pelo investigador.

Carmo e Ferreira (1998) referem que a validade interna de um estudo de caso é assegurada por diferentes maneiras:

“por triangulação – utilizando vários investigadores, várias fontes de dados ou diferentes métodos; verificando se os dados recolhidos estão de acordo com o que os participantes disseram ou fizeram e se a sua interpretação foi corretamente feita; observando o fenómeno em estudo durante um período longo ou realizando observações repetidas do mesmo; discutindo os resultados com outros investigadores; envolvendo os participantes em todas as fases da investigação”

Iremos agora referir algumas características das técnicas e dos instrumentos de recolha de dados por nós utilizados nesta investigação.

## 4.2 Técnicas e instrumentos de recolha de dados

### 4.2.1 Grupo de enfoque ou *focus group*

*Focus group* é uma técnica de recolha de dados utilizada na investigação qualitativa.

Segundo Kitzinger & Barbour

Focus group are ideal for exploring peoples experiences, opinions, wishes and concerns. The method is particularly useful for allowing participants to

generate their own questions, frames and concepts and to pursue their own priorities on their own terms, in their own vocabulary (Kitzinger & Barbour, 1999, p.5).

Para Kitzinger & Barbour (1999) num *Focus group* “the ideal number of participants is between 8 and 12”.

Para Morgan (1997, p.14-15)

Small groups thus work best when the participants are likely to be both interested in the topic and respectful of each other. In addition, small groups are more useful when the researcher desires a clear sense of each participant's reaction to a topic simply because they give each participant more time to talk.

Planear um grupo de enfoque requiere muitas decisões. Para Morgan (1999), é necessário definir a amostra (depois limitar o número de participantes), agendar uma data para o grupo de enfoque, posteriormente é crucial esclarecer qual o grau de envolvimento do moderador.

Uma forma de registrar os dados de um *focus group* é a gravação áudio ou gravação vídeo (Kitzinger & Barbour, 1999).

Segundo Miranda-Pinto, M. S. (2009, p.210) “esta metodologia permite aos investigadores estudar as diferentes perspectivas dos indivíduos de uma rede social e de uma comunidade”.

Considerando as palavras dos autores supracitados, realizamos um *focus group*, com cinco participantes no dia 11 de Fevereiro de 2013, com o objetivo de apresentar, discutir e reunir ideias sobre como conceber/estruturar a futura plataforma para acolher a futura comunidade e perceber quais as ferramentas da *Web 2.0* que deveríamos escolher para realizarmos um trabalho colaborativo/cooperativo.

Antes de realizarmos este grupo de enfoque foi enviado um *e-mail* para cada participante (anexo1) para saberem qual o dia, hora, local e duração do grupo de enfoque e saberem qual o objetivo do mesmo.

Com certa antecedência, a investigadora construiu um guião (anexo 2) onde especificou os temas e as perguntas a desenvolver durante a sessão, apesar de que os participantes tiveram total liberdade para desenvolver outras perguntas

relacionadas com o tema sugerido, ou seja, este guião funcionou como uma espécie de caderno de nota e não como questionário.

Antes de iniciarmos o grupo de enfoque foi pedido a autorização para podermos gravar em áudio a conversa, para posteriormente registar os dados (Anexo 3).

Tendo em conta, o que se acordou no grupo de enfoque nasceu a comunidade J@rdim do Girassol. No dia 16 de Fevereiro foi enviado um *e-mail* a cada membro desta Comunidade do Prática, onde se esclareciam vários pormenores acerca desta comunidade (anexo 4) e suas regras de funcionamento (Anexo 5).

#### **4.2.2 Observação participante**

Uma das técnicas fundamentais no processo de investigação é a observação, em qualquer das formas em que se processe.

Existem várias definições de observação, segundo Ketele (1980, p. 27), “ observar é um processo que incluiu a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objetivo terminal ou organizador e dirigido sobre um objeto para dele recolher informações”.

Carmo e Ferreira (1998) consideram que “ observar é seleccionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão” (pag.97).

Dos ensinamentos de Baden-Powel (1997), “pode-se extrair uma segunda característica do conceito de observação: é a de que saber observar, implica confrontar indícios com a experiência anterior para os poder interpretar” (citado por Carmo e Ferreira, 1998, p.95).

Assim sendo, para qualquer investigador, este procedimento implica três operações. Carmo e Ferreira (1998, p.95), nomeiam-nas.

-Saber identificar indícios, o que requer um treino continuado da atenção;

-Possuir uma experiência anterior adequada, o que implica possuir uma boa preparação teórica e empírica;

-Ter capacidade para comparar o que observa com o que constitui a sua experiência anterior e a partir daí poder tirar conclusões pertinentes, o que obriga a uma formação metodológica sólida.

É importante que haja um treino bem concebido dos observadores, para que haja melhor segurança contra as fontes de erro. Para Damas e Ketele (1995, p.117) “ se o treino dos observadores foi bem concebido, a credibilidade da observação aumenta consideravelmente”.

Contudo, mesmo que estes possuam noções/treino básico em matéria de técnicas de observação, em cada projeto o investigador tem que planear a estratégia de observação (Carmo & Ferreira, 1998).

Carmo e Ferreira (1998, p.98) referem

que esta preparação para a observação implica, antes de mais, responder às seguintes questões:

-observar o quê?

-que instrumentos se deverão utilizar para registar as observações efectuadas?

-que técnica de observação escolher?

-no caso de opção pela observação participante que papel assumir, como observatório, e qual o grau de envolvimento a manter como objecto de estudo?

-que questões deontológicas terá de gerir?

-que dificuldades particulares antevê no processo de observação e como pensa ultrapassá-las.

O investigador tem que ter em conta outra situação mesmo que aspetos técnicos da observação estejam controlados é importante que ele, “antes de iniciar a recolha de dados e no seu decorrer, tenha em conta a questão deontológica levantada por eventuais conflitos de interesses entre si e a população-alvo “(Carmo & Ferreira, 1998).

Portanto, é necessário que o investigador antes de iniciar a sua recolha de dados faça uma planificação para poder ser objetivo e assim a sua pesquisa ser o mais fiel possível.

Numa investigação, quando o observador interage com a população observada, considera-se essa técnica de observação participante. Segundo Damas e Ketele (1985, pag.27), o observador é participante quando se integra no grupo e na vida dele.

Neste estudo, o investigador é observador participante o que lhe permitiu descobrir como funciona a dinâmica da CoP Jardim do Gir@ssol, este também tem o papel de administrador o que lhe possibilitou ter um contato direto e frequente com a restante comunidade que constitui a referida CoP. Escolhemos este tipo de observação porque “permite uma precisão maior na recolha de dados, tratamentos e interpretação dos mesmos” (Miranda-Pinto, M. S., 2009, p.254).

#### **4.2.3 Entrevistas**

Num estudo de caso, o investigador pode recorrer a várias técnicas de recolha de dados, uma delas é a entrevista, este instrumento é utilizado para “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 134).

Para Gil (2008, p.111) entrevista é uma

“técnica em que o investigador se apresenta frente ao entrevistado, lhe formula perguntas com objectivo de obtenção de dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interacção social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que parte quer recolher dados e a outra apresenta-se como fonte de informação”.

Existem vários tipos de entrevistas, segundo Carmo e Ferreira (1998, p.129) “as entrevistas assumem diversos formatos de modo a adequar-se convenientemente às contingências do ambiente e aos objetivos que o investigador se propõe atingir”.

Tendo em conta a natureza e os objetivos deste estudo, utilizamos a entrevista estruturada. Neste tipo de entrevista o investigador segue com exatidão as instruções do guião da entrevista.

Segundo Gil (2008, p.113) “ a entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados”, segundo o autor referido anteriormente, este fato facilita a análise dos dados, sendo que uma outra vantagem deste tipo de entrevista é não exigir ao entrevistador uma profunda preparação.

Ao utilizarmos este instrumento de recolha de informação tivemos em conta vários aspetos, antes, durante e depois da entrevista, pois segundo Carmo & Ferreira (1999) preparar uma entrevista exige um planeamento rigoroso, é preciso definir objetivos, construir o guião, escolher os entrevistados, preparar as pessoas a serem entrevistadas, marcar a data, a hora e o local. Durante a entrevista é necessário explicar quem nós somos e o que queremos, obter e manter a confiança, saber escutar, dar tempo para “aquecer a relação”, manter o controlo com diplomacia, utilizar perguntas de aquecimento e focagem, enquadrar as perguntas melindrosas, evitar indutoras. Depois da entrevista, é indispensável registar as observações sobre o comportamento do entrevistado e registar as observações sobre o ambiente em que decorreu a entrevista.

Todos os membros da comunidade de prática J@rdim do Girassol foram contactados, individual e pessoalmente, tendo apenas sete elementos pertencentes à CoP mostrado total disponibilidade e interesse em colaborar nas entrevistas. Posto isto, foram realizadas as entrevistas nos dias, horas e locais combinados.

É de salientar que com a devida autorização dos entrevistados, recorreremos à gravação áudio das entrevistas.

Segundo Gil (2008, p.119) “ a gravação eletrónica é o melhor modo de preservar o conteúdo da entrevista. Mas é importante considerar que o uso do gravador só poderá ser feito com o consentimento do entrevistado”.

Com a análise dos dados destas entrevistas queremos:

- Compreender se os educadores anteriormente à pertença nesta comunidade de comunidade de prática conheciam e utilizavam as ferramentas da *Web 2.0*.

- Perceber se após a participação nesta CoP os educadores utilizavam algumas ferramentas da *Web 2.0*.

- Saber se após a pertença à Comunidade de Prática J@rdim do Girassol os educadores desenvolveram trabalho cooperativo/colaborativo.

-Compreender qual o nível de cooperação/colaboração antes e depois da pertença nesta CoP.

### 4.3 Modelo de análise das interações usado nesta Comunidade de Prática

A comunidade de prática J@rdim do Girassol nasceu em Fevereiro de 2013, os participantes desta comunidade são os educadores de infância do Jardim de Infância da Misericórdia de Santo António em São Pedro do Sul.

Para fazermos a análise qualitativa das interações feitas nesta comunidade de prática *online* usamos o Modelo de Miranda-Pinto (2009). Esta autora construiu o seu modelo baseando-se nos modelos de Henri (1992), Gunawardena et al. (1997) e Garrison et al. (2000). A autora juntou ainda algumas ideias defendidas por Wenger (1998) e P. Dias (2008).

Para Miranda- Pinto (2009), com este modelo é possível “identificar elementos que nos permitem consubstanciar a definição de Comunidade de prática”, e assim conseguirmos concluir se o J@rdim do Girassol é efetivamente uma comunidade de prática *online*.

O referido modelo incorpora as seguintes dimensões: social, partilha, negociação, empenhamento mútuo, cooperação, construção de conhecimento, identidade, condição «virtual» ou online, liderança e moderação (Figura 3).



Figura 3- Modelo de análise qualitativa das interações em comunidades online de Miranda-Pinto (2009), com base nos trabalhos de Henri (1992), Gunawardena et al.(1997), Garrison et al. (2000), Wenger (1998) e P. Dias (2008)

A autora refere ainda alguns indicadores que se encontram agrupados em cada uma das dimensões:

- **Dimensão Social e de Partilha (Estabelecimento de Relações Interpessoais - Integrar, Partilhar e Comparar Informação)**

- Presença como observador-participante e como explorador
- Caracterização Pessoal do perfil
- Apresentação na comunidade
- Partilha de experiências
- Corroborar comentários de um ou mais participantes
- Questionar e responder para clarificar detalhes de alguma participação

- **Dimensão de Negociação, Empenhamo Mútuo e Cooperação (Interatividade Cognitiva):**

- Identificação de Áreas de Interesse entre os participantes
- Negociação ou esclarecimento dos significados dos diversos termos utilizados
- Proposta e negociação sobre novas áreas de debate
- Cooperação na realização de atividades entre os participantes
- Empenhamo mútuo de práticas diversificadas

- **Dimensão de Colaboração e Construção de Conhecimento (Interatividade Metacognitiva):**

- Partilha de informação, argumentação e integração de novos contributos
- Debate sobre a informação partilhada e estabelecimento de um consenso
- Reflexão crítica dos participantes e construção partilhada do conhecimento

• **Dimensão de Liderança e Moderação em Ambientes Online (Fatores de Sustentabilidade):**

- Identificação de líderes e moderadores
- Estratégias de liderança e moderação
- Evidência discursiva de orientação explícita

• **Dimensão de Construção de Identidade em Ambientes Online (Diferenciação entre CoP):**

- Percepção da presença cognitiva
- Percepção da presença social

Ao utilizarmos o modelo de Miranda-Pinto (2009) queremos verificar se todos os indicadores são observáveis na CoP J@rdim do Girassol. Os resultados obtidos podem ser examinados no Capítulo 6.

## CAPÍTULO 5 – A COMUNIDADE DE PRÁTICA J@RDIM DO GIRASSOL

### 5.1 – Caracterização desta CoP

Esta comunidade de prática funciona *online* e é extra-curricular das atividades e dinâmicas presenciais do Jardim de Infância da Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul.

Assim sendo, esta CoP tem como participantes os educadores de infância do Jardim de Infância da Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul. Esta CoP foi criada e dinamizada para efeitos de um estudo, e por tanto a escolha deste Jardim de Infância prende-se com o facto de o mesmo ser o local de trabalho do investigador, sendo assim mais fácil compreender e acompanhar este caso específico.

Antes de criarmos esta Comunidade de Prática, recorremos à metodologia de *focus group*, onde reunimos cinco educadores de infância que trabalham no Jardim de Infância acima mencionado (o convite para participação no *focus group* encontra-se em Anexo 1).

Este *focus group* teve como objetivo apresentar, discutir e reunir ideias sobre como conceber/estruturar a futura plataforma para acolher a futura comunidade e perceber quais as ferramentas da *Web 2.0* que devíamos escolher para realizarmos um trabalho cooperativo/colaborativo (o guião para este *focus group* encontra-se em Anexo 2).

Uma das ideias retiradas deste *focus group* foi a de criar um grupo secreto no *Facebook* <https://www.facebook.com/groups/jardimdogirassol/> (a informação apenas está acessível aos membros deste grupo), onde poderiam trocar ideias, partilhar conteúdos, informações e reflexões relativas à prática pedagógica e partilhar vivências do dia a dia.

Concluímos também que iriam usar um *Blogue* (*blogger*) <http://jardimdogirassol.blogspot.pt/>, como uma espécie de repositório, portanto, as ideias, os conteúdos, as histórias digitais, as músicas, os jogos educativos (...) iriam estar organizados por temas. Ficou ainda definido que todos os participantes desta CoP seriam administradores, “O administrador de um blog coletivo tem acesso às configurações e ao modelo do blog e pode editar e excluir as postagens criadas por outros membros do blog” (*Blogger*, 2013), e que o *blogue* da CoP seria aberto a todos

os leitores por predefinição, ou seja, os visitantes apenas podem visitar o blogue, ver o seu conteúdo e deixar mensagens.

Uma outra ideia que surgiu no focus group, foi a de começar a usar o *Dropbox*, para partilhar documentos, planos semanais e anuais, projetos de sala e impressos relacionados com a instituição onde trabalham todos os participantes desta Comunidade de Prática.

Relativamente, ao nome e ao logotipo desta comunidade de prática de educadores de infância, os mesmos também foram escolhidos no focus group. Entre os vários nomes sugeridos, os intervenientes elegeram o nome J@rdim do Girassol (ver Figura 4).



Figura 4- Logotipo da Comunidade de prática J@rdim do Girassol

Após a realização do *focus group*, implementamos esta comunidade de prática, a supramencionada Comunidade que pretende utilizar várias ferramentas da *Web 2.0*, passou a estar disponível na *Internet* a partir do dia 16 de Fevereiro de 2013 (Figura 5 e Figura 6). Para além de serem convidados através do *Facebook*, *Blogger* e *Dropbox* para serem membros desta CoP, também lhes foi enviado um *e-mail* a explicar mais pormenores sobre as plataformas que iriam acolher virtualmente esta comunidade (Texto 1).

Para efeitos deste estudo, a observação das atividades cooperativas e colaborativas nesta comunidade encerraram a 13 de Julho de 2014.



Figura 5- Aspeto da página do *Facebook* quando o grupo J@rdim do Girassol foi criada



Figura 6- Aspeto da página do *Facebook* a divulgar o *blog* da CoP

Caro Colega,

Este e-mail serve para convidá-lo a conhecer e a participar no projeto que estou a desenvolver: uma comunidade de prática que funcionará online extra-curricular das atividades e dinâmicas presenciais do Jardim de Infância da Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul.

Este projeto está a ser desenvolvido na Escola Superior de Educação de Viseu.

Espera-se que este espaço online possa ser um ambiente de interação por meio do qual todos os educadores da Instituição possam estar sempre em comunicação, espera-se que isso contribua para o abandono do isolamento e da individualidade em favor da reflexão, da partilha, da construção conjunta do conhecimento e criação de soluções para problemas comuns das práticas profissionais.

Podem conhecer a comunidade através do endereço <http://jardimdogirassol.blogspot.pt/> .

Para participar (como administradores de um blog coletivo) basta aceitar o convite enviado para o seu e-mail (tem que ser *gmail*) e depois acederem <http://www.blogger.com/home> e fazerem o login. Em seguida, tem acesso às configurações e ao modelo do blog. Podem editar e excluir as postagens criadas por outros membros do blog.

Para conhecerem e participarem no Facebook, <http://www.facebook.com/home.php> basta aceitarem o convite para entrarem no grupo fechado "J@rdim do Girassol".

Em anexo, envio as regras da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol.

Em caso de dúvidas, contactar:

helena.salazar82@gmail.com

Atenciosamente,

Helena Salazar

Texto 1- *E-mail* enviado a todos os membros da CoP J@rdim do Girassol.

## 5.2 - Membros da CoP J@rdim do Girassol

Todos os membros da comunidade de prática do J@rdim do Girassol exercem funções pedagógicas na Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul, nove são educadores de infância (incluindo o investigador) e apenas uma é professora do 2º ciclo (ver Gráfico 1).

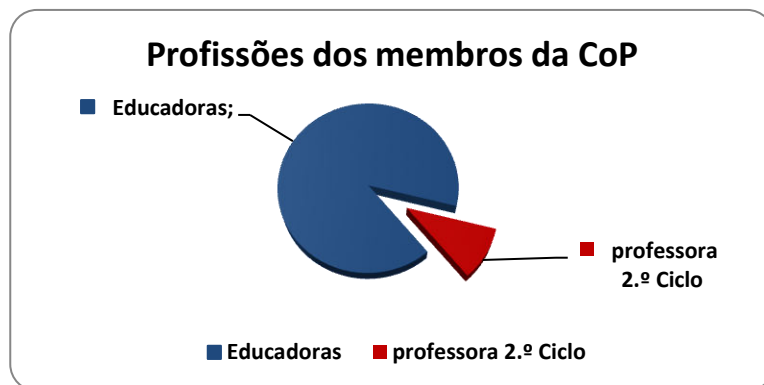


Gráfico 1 -Profissão dos participantes na CoP J@rdim do Girassol

A participação nesta CoP implicava que todos tivessem acesso à *internet*, que tivessem conta no *Facebook* e *e-mail* no *gmail* para poderem ter conta no *blogger*.

Alguns participantes não tinham conta no *Facebook* nem *e-mail* no *gmail* e por isso foi necessário algum apoio presencial a esses participantes, de forma a que todos pudessem iniciar a sua atividade na comunidade. É de salientar que todos os membros da CoP eram administradores em todas as plataformas que acolheram esta comunidade de prática.

## 5.3 – Regras de funcionamento da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol

Para o bom funcionamento desta CoP foram criadas algumas regras, as mesmas estão visíveis no blogue e no Facebook da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol. Passo a enumerar:

- 1- Jardim do Girassol é uma Comunidade de Prática Online para profissionais de Educação de Infância da Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul.
- 2- Esta comunidade é fechada, não há possibilidade de registo.
- 3- Todos os participantes devem manter o respeito para com os outros membros da comunidade.

4- Todos os participantes são livres de se exprimirem em todas as áreas e ferramentas.

5- Os participantes não são obrigados a trabalhar com as várias ferramentas da *Web 2.0*, mas ao fazerem parte desta comunidade de prática devem eleger/participar na que se sentem mais à vontade, pois o sentido desta comunidade é a partilha, a colaboração e a cooperação.

6- Esta comunidade utilizará o *blog* com a finalidade de partilhar conteúdos e ideias. Compartilhar práticas e materiais ligados à educação pré-escolar. Nesta CoP só os participantes serão administradores “tem acesso às configurações e ao modelo do blog e pode editar e excluir as postagens criadas por outros membros do blog” (Blogger, 2013). Contudo este blogue será aberto a todos os leitores por predefinição, ou seja, os visitantes apenas podem visitar o blogue, vendo o seu conteúdo e deixar mensagens.

Na rede social – *Facebook*- usará um grupo fechado (só para administradores) para trocar informações/problemas acerca da sua atividade profissional.

Usará a *Dropbox* para partilhar documentos, planos, projetos e impressos relacionados com a instituição onde trabalham.

7- Estas regras podem vir a ser atualizadas, dependendo do funcionamento da comunidade Jardim do Girassol.

#### **5.4- Ferramentas da *Web 2.0* utilizadas para a dinamização da Comunidade J@rdim do Girassol**

Após a realização do *focus group*, implementamos a comunidade de prática J@rdim do Girassol, sendo que as ferramentas utilizadas para acolher esta plataforma virtual foram o *Blogger*, *Facebook* e o *Dropbox*.

##### **5.4.1- O *blogue* da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol**

O *Blogger* é uma ferramenta que está disponível na *Web 2.0* e permite a criação de uma rede social, mas também pode ser uma ferramenta colaborativa. É como ferramenta colaborativa, que esta costuma aparecer em contexto educativo. O blogue da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol está disponível em <http://jardimdogirassol.blogspot.pt/> (ver Figura 7).



Figura 7- Aspeto gráfico do *blogue* da Comunidade de prática J@rdim do Girassol – Julho 2013

No focus group concluiu-se que o scribd <http://pt.scribd.com/> seria a ferramenta mais fácil e intuitiva para publicar histórias digitais no *blogue*. Dado que a maioria dos participantes não conhecia as potencialidades desta ferramenta, o investigador teve assim que os instruir, dando-lhes noções essenciais sobre o seu funcionamento, para que todos pudessem trabalhar com esta ferramenta.

O *Scribd* é um *site* de compartilhamento de apresentações em *Powerpoint* e Pdf, é através desta ferramenta da *Web 2.0* que se consegue obter um código *embed* (ou incorporar), isto permite colocar essas apresentações no *blogue* e até mesmo no *Facebook*. Na Figura 8, pode-se ver uma história digital colocada no *blogue* através da ferramenta *Scribd*.



Figura 8- Imagem de uma história digital colocada no *blogue* através da ferramenta *Scribd*

Uma outra ferramenta da *Web 2.0* utilizada para dinamizar esta CoP, foi o *YouTube*, esta ferramenta “é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital” (Wikipédia, 2013). O *YouTube* permite obter um código *embed* (ou incorporar), o que torna fácil colocar os vídeos no *blogue* e até mesmo no *Facebook*. Na Figura 9, é visível a imagem de um vídeo em formato digital colocado no *Youtube* e incorporado no *Blogue* da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol.



Figura 9- Imagem de um vídeo em formato digital colocado no Youtube e incorporado no Blogue da comunidade de Prática J@rdim do Girassol

Outras ferramentas da *Web 2.0* foram utilizadas para dinamizar este blogue desta Comunidade de prática, tais como, *Audacity*, *Picturetrail*, *Slideboom*, *Skydrive*, *Slideshare*. No Gráfico 2 podemos observar quais as ferramentas que foram mais utilizadas para conseguir publicar mensagens no blogue.

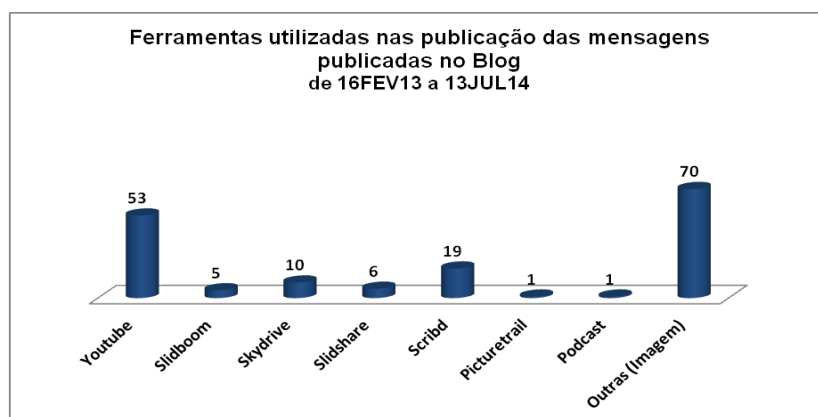


Gráfico 2- Ferramentas utilizadas nas mensagens publicadas no Blog J@rdim do Girassol

Relativamente à publicação de mensagens dos participantes no *blogue* registaram-se um total de 165 mensagens (ver Figura 10).



Figura 10- Aspetto gráfico da disposição das mensagens no *blog*

Sendo que 76 mensagens foram publicadas pelo investigador e as restantes pelos participantes (ver Gráfico 3).

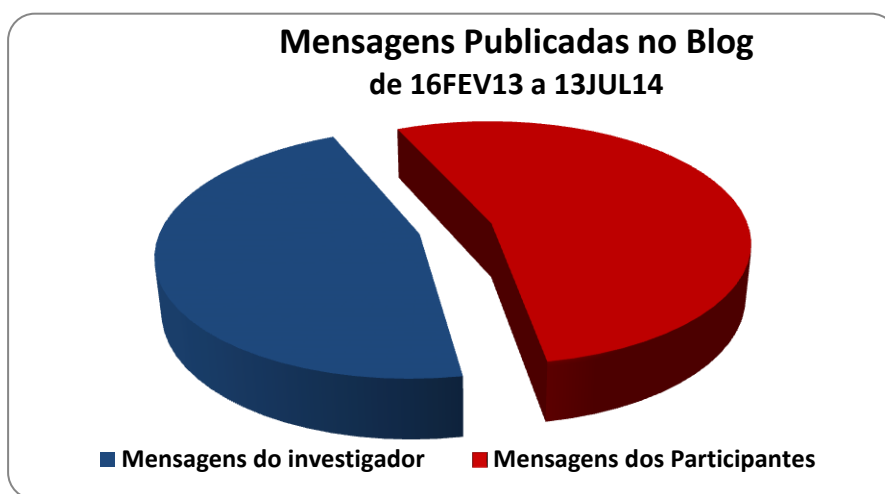


Gráfico 3- Número de mensagens publicadas no Blog J@rdim do Girassol

Como já foi referido, o *blogue* da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol está aberto à comunidade geral, portanto é possível para visitantes visualizar o conteúdo das mensagens assim como fazer comentários. Na Figura 11 é possível ver o número de visualizações de páginas e quais as mensagens mais vistas.



Figura 11- Aspeto gráfico das visualizações das páginas no blogger (de 02-03-2013 a 16-06-2013)

Quanto aos comentários feitos às mensagens que os participantes nesta comunidade publicaram registaram-se no total de 15 comentários. Verificou-se que 11 foram feitos pelo investigador, 4 pelos participantes e 1 por um visitante do blogue (ver Gráfico 4).

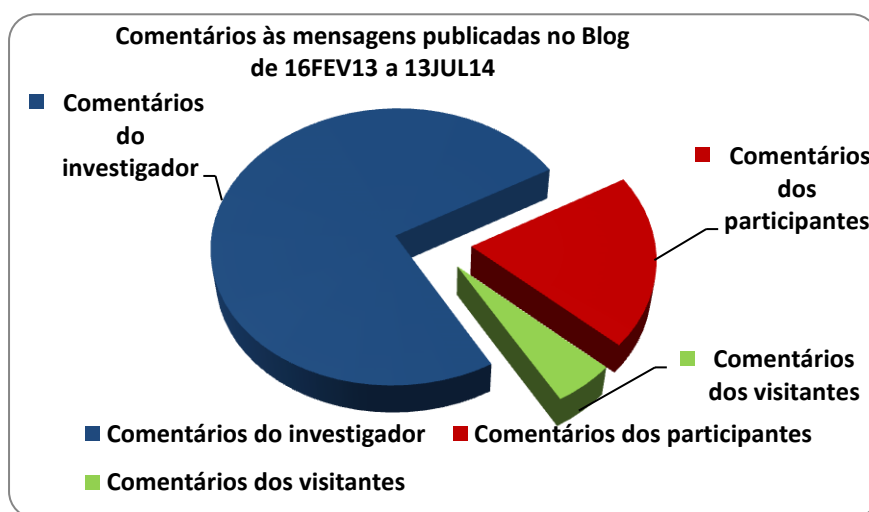


Gráfico 4- Número comentários às mensagens publicadas no *Blog J@rdim* do Girassol

#### 5.4.2- A Comunidade de Prática J@rdim do Girassol no Facebook

No *Facebook*, esta Comunidade de Prática também utilizou algumas das ferramentas da *Web 2.0* acima mencionadas com o objetivo de promover a interação entre os participantes e possibilitar troca de materiais e ideias relacionadas com a educação de infância (ver Figura 12 e Figura 13).



Figura 12- Aspeto gráfico de uma história (em vídeo) inserida no *Youtube* e incorporada no mural de publicações do *Facebook*



Figura 13- Aspeto gráfico de uma história inserida na ferramenta Scribd e depois incorporada no mural de publicações do Facebook

Uma das mais valias do *Facebook* é sem dúvida o *chat*, uma ferramenta de comunicação síncrona. Esse recurso permitiu que os participantes desta CoP pudessem comunicar em tempo real (online). A utilização deste *chat* não era obrigatória, serviu para esclarecer dúvidas acerca do funcionamento da própria comunidade, acerca das atividades ligadas à educação pré-escolar, etc... (ver Figura 14).



Figura 14- Conversa no *chat* do *Facebook*, acerca de dúvidas relacionadas com a publicação no *Blogger* – Fevereiro, 2013.

Os participantes desta Comunidade de Prática puderam interagir, trocar ideias e tirar dúvidas através do mural de comunicação que o *Facebook* disponibiliza – *feed* notícias (ver Figura 15), inclusive todos podiam comentar todas as ligações existentes no mural.



Figura 15- Diálogo no mural de comunicação (*feed* notícias) do *Facebook*

No mural de comunicação que o *Facebook* disponibiliza – *feed* notícias, contou-se com 367 mensagens publicadas, sendo que 197 foram do investigador e 170 dos restantes membros da comunidade (ver Gráfico 5).

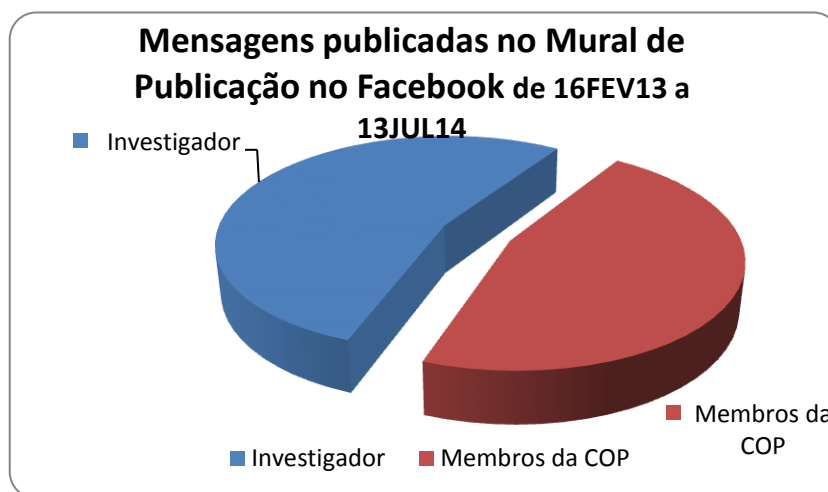


Gráfico 5- Número de mensagens no mural do *Facebook* no grupo secreto J@rdim do Girassol

O *Facebook* possibilitou a partilha de ficheiros (ppt, pdf, wma, docx), esta funcionalidade permitiu a esta comunidade armazenar 16 ficheiros (ver Figura 16).

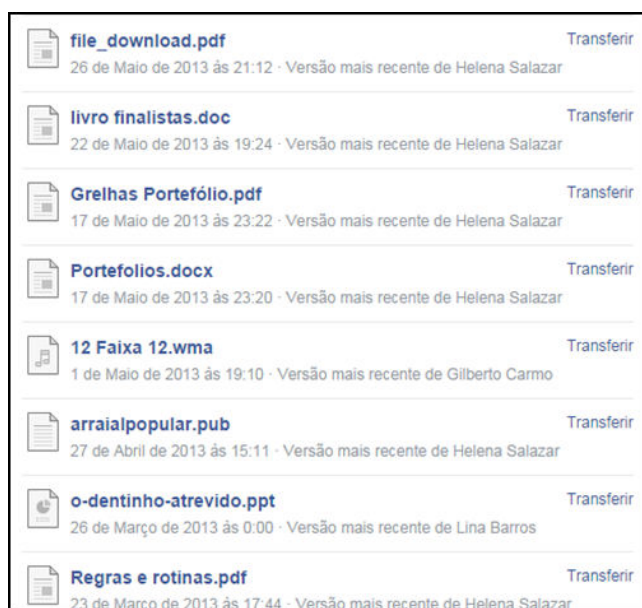


Figura 16- Aspeto gráfico dos ficheiros publicados na CoP J@rdim do Girassol no *Facebook*

Outra potencialidade que o *Facebook* oferece nos grupos, é a possibilidade de arquivar fotos e vídeos. Foram arquivadas no total de 82 fotos e vídeos no grupo secreto do J@rdim do Girassol (ver Figura 17).



Figura 17- Aspeto gráfico das fotos e vídeos publicados na CoP J@rdim do Girassol no *Facebook*

Os participantes do grupo secreto da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol são todos administradores, podendo responder e eliminar comentários, conseguindo enviar mensagens para caixas de entrada de seus membros no *Facebook* e criar eventos, uma maneira prática de convidar os membros a participar numa atividade relacionada com a educação pré-escolar

### 5.4.3- Comunidade de Prática J@rdim do Girassol no *Dropbox*

Relativamente à utilização da ferramenta *Dropbox* (que permite a sincronização de arquivos entre vários dispositivos), esta foi usada para arquivar planos semanais, planos anuais, projetos educativos e algumas imagens (ver Figura 18).

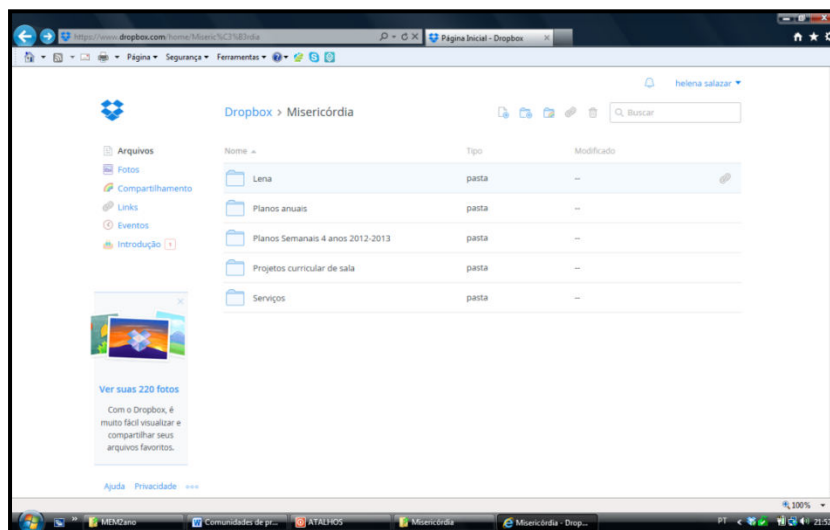


Figura 18- Arquivos enviados para a *Dropbox*

Foi enviado um convite (via *e-mail*) para todos os membros da comunidade J@rdim do Girassol para aderirem ao *Dropbox*, contudo só um membro da CoP é que aderiu e trocou material nesta ferramenta (ver Figura 19).

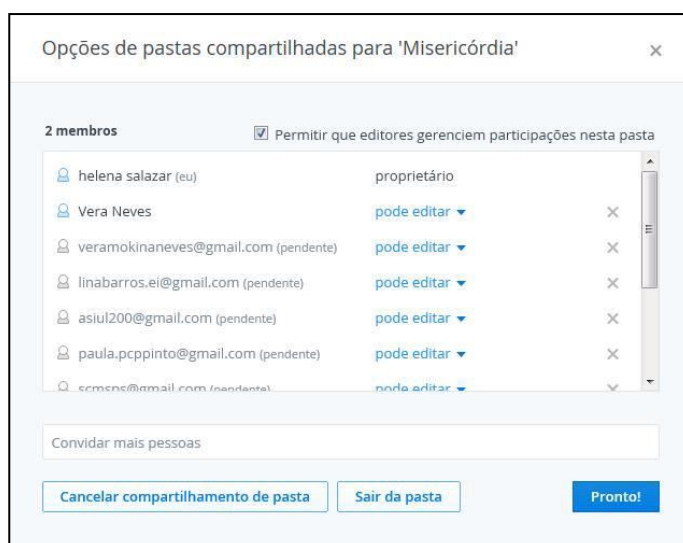


Figura 19- Aspeto gráfico dos membros que compartilham a pasta “Misericórdia”

Devido a motivos enunciados anteriormente, neste espaço registou-se pouca partilha de material, sendo que no total foram partilhados 50 ficheiros (10 ficheiros wav., 2 planos anuais, 31 planos semanais, 2 projetos curriculares de sala e 5 imagens). Estes dados podem-se observar no Gráfico 6.

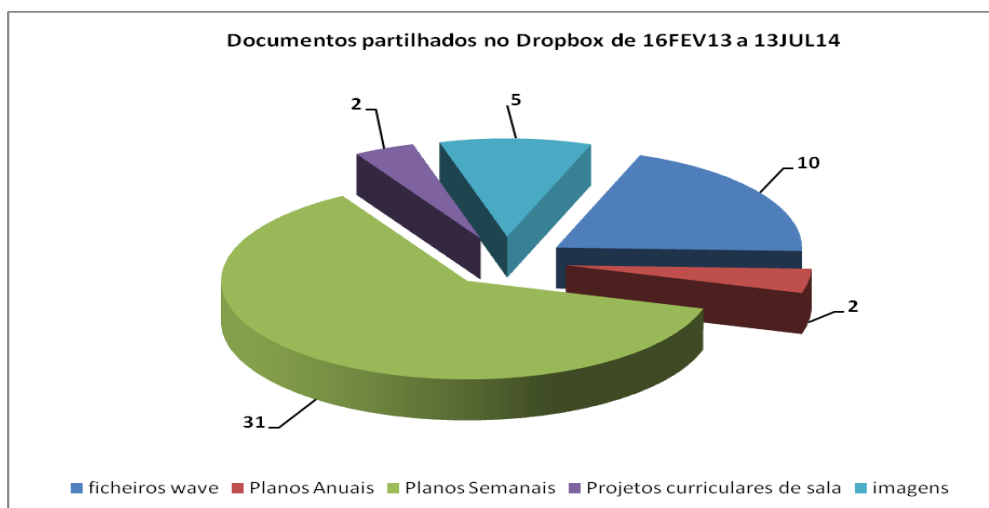


Gráfico 6- Documentos partilhados no *Dropbox*

### 5.5- Atividades e dinâmicas desenvolvidas na CoP - J@rdim do Girassol

Quando a CoP J@rdim do Girassol nasceu, o investigador assumiu um papel de liderança, pois considerou que os outros membros da comunidade ainda não

estavam familiarizados com as potencialidades das ferramentas utilizadas, sendo necessário prestar algum apoio presencial e *online*, para que os membros desta comunidade aprendessem a trabalhar com tais ferramentas.

O investigador sentiu a necessidade de orientar os participantes, motivando-os, transmitindo-lhes empatia, demonstrar-lhes as potencialidades das ferramentas e do trabalho cooperativo e colaborativo.

Reconhecemos que a liderança do investigador nesta CoP foi determinante para o desenvolvimento, sustentabilidade e durabilidade desta.

Numa primeira fase o investigador lançou o desafio de cada semana apresentar uma ferramenta nova e mostrar as suas potencialidades no ensino (Quadro 4). Esta dinâmica acontecia sempre no *Facebook* (ver Figura 20).

Quadro 4- Algumas das ferramentas da *Web 2.0* apresentadas em cada semana

Datas	Ferramentas da web 2.0
19 de Fevereiro de 2013	Picturetrail
11 Março de 2013	Dumpr
17 de Março de 2013	Audacity/Movie Maker/Youtube
19 de Março de 2013	Plataforma com recursos digitais (casa das ciências)
23 de Março de 2013	Dropbox e Slideboom
1 de Abril de 2013	Podomatic/Podcast /Audacity
21 de Abril de 2013	Scratch

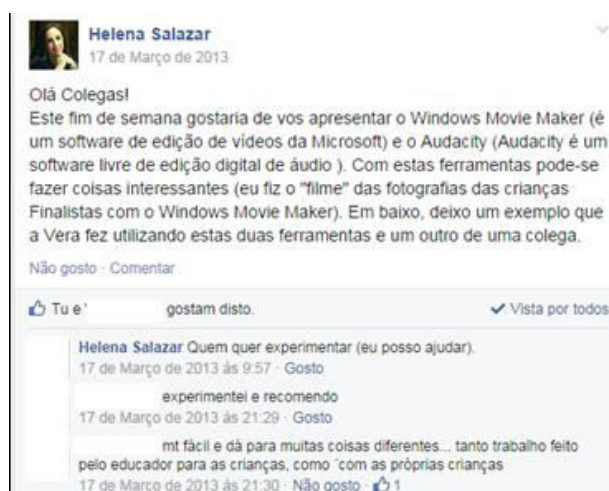


Figura 20- Aspeto gráfico de uma publicação no mural de notícias do *Facebook*, a divulgar uma ferramenta da *Web 2.0*

Uma outra forma de dinamização desta comunidade de prática foi a criação de eventos através da aplicação do *Facebook* “criar eventos”. Um dos eventos criado foi “Lembrança da páscoa” onde todos os membros da comunidade puderam partilhar fotos sobre a sua sugestão e fazer comentários (ver Figura 21). Esta atividade estava relacionada com a prática pedagógica de todos os educadores.

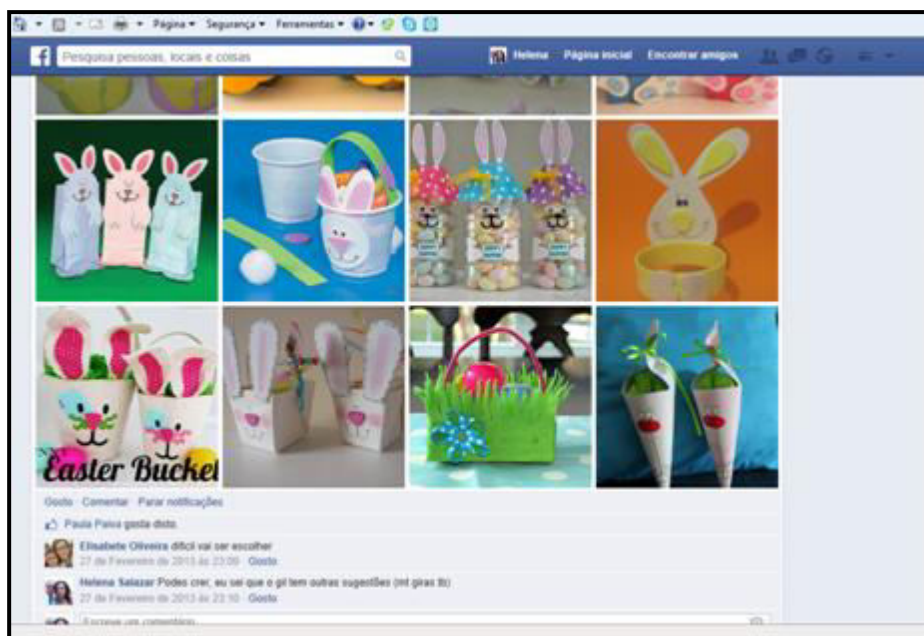


Figura 21- Diálogo acerca do evento “lembança da Páscoa”

Privilegiamos o grupo secreto J@rdim do Girassol no *Facebook*, para divulgar o *blog* desta comunidade. O *Facebook* foi a ferramenta que os membros desta comunidade elegeram como sendo a mais intuitiva e acessível e onde se sentiam mais à vontade (ver Figura 22).



Figura 22- Aspeto gráfico de uma publicação no mural de notícias do *Facebook*

É de referir que durante algumas reuniões pedagógicas que decorreram nas instalações da Misericórdia de Santo António, o investigador esclareceu dúvidas, divulgou a criação de novos eventos e a apresentação de novas ferramentas, como o *Dropbox*, informando os participantes que para a criação individual do *Dropbox*, foi enviado um convite para o *e-mail* de cada participante.

## CAPÍTULO 6 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, após esta breve introdução, apresentamos e analisamos os resultados obtidos nas diferentes técnicas de recolha de dados: grupo de enfoque ou *focus group*, observação participante, entrevistas, mensagens nas plataformas da CoP e *chat*. Para analisarmos os dados recorreremos à definição de categorias que correspondem à questão da investigação. Essas categorias, assim como as codificações utilizadas para analisar os dados, são apresentadas no presente capítulo.

Posteriormente procede-se à análise das interações feitas na CoP J@rdim do Girassol, com base no modelo Miranda Pinto (2009), descrito no Capítulo 4.

### 6.1- Categorias de análise que correspondem à questão de investigação e Codificação para análise dos dados

Para analisar os dados recolhidos nas diferentes técnicas de recolha de dados criamos as seguintes categorias de análise (Quadro 5). É de salientar que para produzirmos as categorias e subcategorias, baseamo-nos no modelo das categorias de análise de Miranda-Pinto (2009).

Quadro 5- Descrição de categorias de análise

Categoria	Subcategoria	Descritores
1-Formação dos educadores nas áreas de TIC	1.1- Caracterização deste grupo de educadores	-Saber qual o género e idade dos entrevistados e o tempo de serviço
	1.2-Formação dos educadores na área das TIC	-Perceber onde foram adquiridos conhecimentos na área de TIC (na formação inicial ou em posteriores formações)
2-Práticas de cooperação e colaboração em CoP <i>online</i>	2.1-Dinâmicas cooperativas e colaborativas na CoP	-Nível de envolvimento na Comunidade J@rdim do Girassol  -Conferir as práticas cooperativas e colaborativas

		(conteúdos partilhados)
	2.2- Ferramentas <i>Web 2.0</i> utilizadas na Cop	-Aferir qual a ferramenta mais intuitiva nesta CoP  -Investigação dos conhecimentos sobre as ferramentas disponibilizadas
	2.3- Integração das TIC na sala de atividades antes e após a pertença na CoP	-Valorização das TIC na sala de atividades antes da pertença na CoP  -Valorização das TIC na sala de atividades após a pertença na CoP
	2.4-Benefícios da CoP	-Pistas que revelam o valor que os participantes dão à comunidade
	2.5- Obstáculos na participação na CoP <i>online</i>	-Falta de conhecimentos tecnológicos, falta de tempo, falta de recursos
	2.5-Sugestões para o melhoramento da CoP	-Descrição de sugestões de melhoramento

Criamos codificações para os instrumentos de recolha de dados (Quadro 6), habilitação profissional (Quadro 7) e participantes. Para a codificação dos participantes foi atribuído um número a cada um, cuja lista está por ordem alfabética.

A codificação segue a seguinte ordem: legenda do instrumento de recolha de dados; legenda da habilitação profissional, número de ordem na lista dos participantes.

Assim sendo, segue-se um exemplo de codificação: E-EI3.

Quadro 6- Legenda do instrumento de recolha de dados

Legenda do instrumento de recolha de dados	
Designação	Abreviatura
Grupo de enfoque ou <i>focus group</i>	GE
Observação participante	OP
Entrevistas	E
<i>Chat (Facebook)</i>	C
<i>Feed notícias (Facebook)</i>	FN
Mensagens ( <i>Blogger</i> )	M
Comentários no <i>Blogger</i>	CB
<i>Dropbox</i>	D

Quadro 7- Legenda da habilitação profissional

Legenda da Habilitação Profissional	
Designação	Abreviatura
Educador de Infância	EI
Professor de 2º CEB	P2ºCEB
Investigador	I

## 6.2- Apresentação e interpretação dos resultados obtidos através das categorias de análise

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados obtidos, tendo em conta a questão da investigação.

Na interpretação dos resultados, faz-se a descrição e cruzamento de dados colhidos nos diferentes instrumentos.

A apresentação que se segue respeita a organização do quadro de categorias e configura a seguinte sequência: 1-Formação dos educadores na área das TIC, 2- Práticas de cooperação e colaboração em CoP *online*.

## 6.2.1- Formação dos educadores na área das TIC

Nesta categoria caracterizamos os educadores de infância que aceitaram fazer a entrevista, quanto ao género, idade e tempo de serviço. Tentamos perceber onde foram adquiridos os conhecimentos na área das TIC (na formação inicial ou posteriori).

Achamos pertinente saber qual a formação dos educadores nessa área, pois assim só assim poderemos entender como esse fator influencia a utilização das TIC na sala do Jardim de Infância, a ser analisado e comparado no capítulo – Conclusões.

### 6.2.1.1- Caracterização dos entrevistados

-Género e Idade

Através de dados extraídos nas entrevistas, apresentamos um quadro (Quadro 8) onde mostramos a distribuição dos entrevistados por intervalo de género e idade.

Verificamos que a maioria dos respondentes é do sexo feminino (6 do sexo feminino) e apenas 1 do sexo masculino, como podemos ver no Gráfico 7. Este fato, possivelmente verifica-se pois nesta profissão a maioria dos profissionais são do sexo feminino.

Em relação às idades, verifica-se que os educadores de infância que trabalham naquela Instituição têm idades entre 25 e os 45 anos. Nota-se que a maioria encontram-se na faixa etária dos 25 aos 35 anos. Há apenas 1 profissional na faixa etária dos 35 aos 40 anos e 2 na faixa etária dos 40 aos 45, conforme Gráfico 8.

Quadro 8- Género/Idade dos entrevistados

FAIXA ETÁRIA	GENERO DOS ENTREVISTADOS		TOTAL	% MAS	% FEM
	MASC.	FEM			
25-35	1	3	4	14,29%	42,86%
36-40	0	1	1	0,00%	14,29%
41-45	0	2	2	0,00%	28,57%
TOTAL	1	6	7	14,29%	85,71%

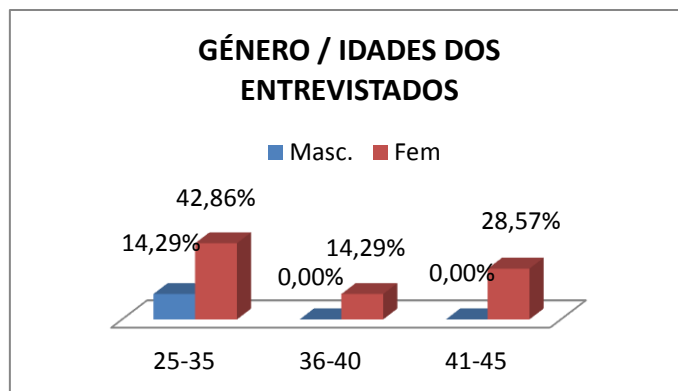


Gráfico 7- Género e idades dos entrevistados

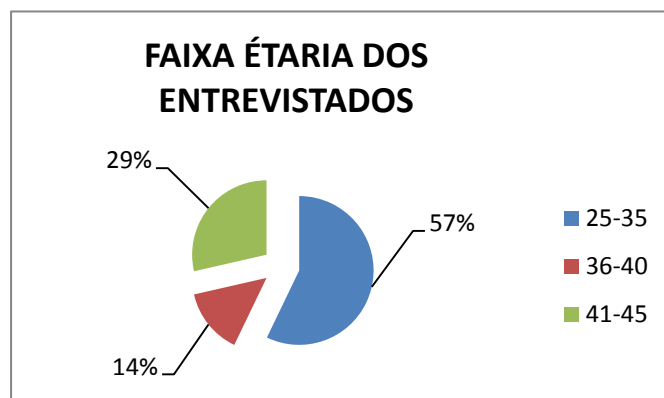


Gráfico 8- Faixa etária dos entrevistados

#### -Tempo de Serviço

Codificamos em intervalos as respostas adquiridas, relativas ao tempo de serviço dos educadores de infância, apresentando os resultados no Quadro 9.

Constatamos que a maioria dos profissionais tem entre 5 a 10 anos de serviço com mais de 21 anos de serviço e apenas 1 se situa entre os 16 e 20 anos de serviço, conforme Gráfico 9.

Quadro 9- Tempo de serviço dos entrevistados

INTERVALO (ANOS)	N.º DE RESPOSTAS	PERCENTAGEM
5 A 10	4	57,14%
11 A 15	0	0,00%
16 A 20	1	14,29%
≥ A 21	2	28,57%

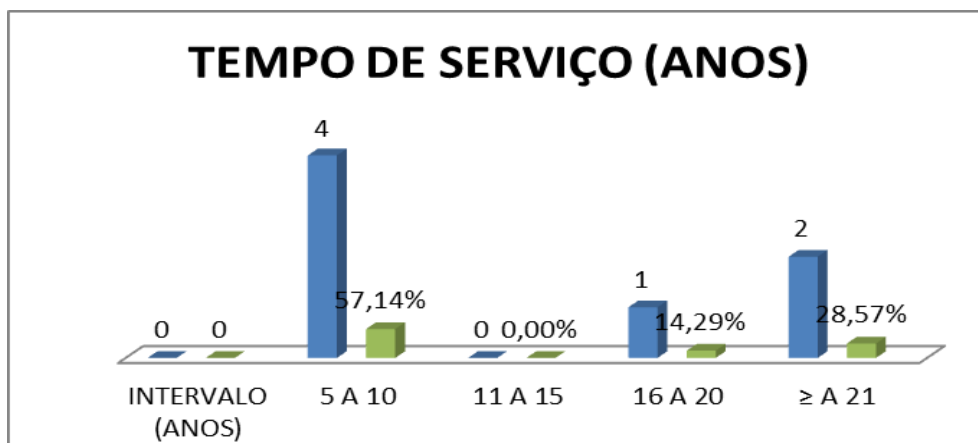


Gráfico 9- Tempo de serviço (anos)

### 6.2.1.2- Formação dos educadores de infância na área das TIC

Consideramos importante conhecer a formação destes educadores na área das TIC, para percebermos se a sua formação tem influência na sua integração nas atividades curriculares.

Relativamente ao curso de formação inicial, constatamos que a maioria dos educadores teve formação na área das TIC. Tal, deve-se ao fato de a maioria dos educadores de infância terem feito o curso há cerca de uma década, sendo que nessa altura os cursos de formação de educadores já previam essa formação.

Analisando as respostas obtidas nas entrevistas relativamente à formação no domínio das TIC no âmbito da formação contínua, os dados revelam que três educadores de infância que não tiveram na sua formação inicial TIC afirmaram ter procurado formação nessa área. Verificamos que 2 educadores que tiveram formação na área de TIC, na sua formação inicial, posteriormente frequentaram formação em TIC de âmbito generalista.

“Fiz algumas pequeninas, mais no Word, powerpoint, excel, mas foram pequeninas, coisas básicas”

(E-EI4)

“Formação, uma pequena formação informativa, prática”

(E-EI10)

Estes educadores referiram-se basicamente a formação centrada no conhecimento de ferramentas de escritório.

## 6.2.2- Práticas de cooperação e colaboração em CoP *online*

Nesta categoria, analisamos os dados obtidos nos diferentes instrumentos, com vista a recolher informações que nos mostrem se houve práticas de cooperação e colaboração na CoP J@rdim do Girassol e assim encontrar resposta para a questão deste estudo: “Em que medida as ferramentas da *Web 2.0* favorecem a criação de CoP e a consequente cooperação e colaboração através da interação *online* entre educadores de infância?”.

Para alcançar este desígnio dividimos esta categoria em seis pontos (Dinâmicas cooperativas e colaborativas na CoP; Ferramentas *Web 2.0* utilizadas na CoP; Integração das TIC na sala de atividades antes e após a pertença na CoP; Benefícios da CoP; Obstáculos na participação na CoP *online*; Sugestões para o melhoramento da CoP).

### 6.2.2.1-Dinâmicas Cooperativas e colaborativas na CoP

Queremos realçar que, no início deste estudo todos os participantes se mostraram interessados para aprender a trabalhar com as ferramentas que acolheram a CoP J@rdim do Girassol. Inclusive todos fizeram publicações no grupo do *Facebook* e no *blog*, conforme imagem de *chat* abaixo mencionado (Figura 23).



Figura 23- Conversa no *Chat* acerca do funcionamento do *Blogger*

(C-I); (C-EI3)

Com o passar do tempo, constatamos que os membros desta CoP evidenciaram vários níveis de envolvimento, sendo que uns eram mais ativos de que outros por motivos diversos. Verificamos que apenas dois membros da comunidade fizeram publicações no início quando esta “nasceu” e depois nunca mais entraram no espaço virtual J@rdim do Girassol. Os dados recolhidos comprovam que existiram vários níveis de empenhamento por parte dos membros da CoP. Alguns dos membros, muitas vezes mantiveram-se como meros observadores, acediam às plataformas, visionavam o conteúdo mas não faziam comentários nem partilhas, havendo outros mais ativos, fazendo publicações e comentários.

“Às vezes também costumo ir ao blog, mas frequento mais o facebook que o blog, o blogue já fui lá mais vezes, no início, agora não tenho tanto tempo, o facebook, sim vou lá quase todos os dias”

(E-EI6)

“Sou muito sincera, vou lá poucas vezes. Se tivesse lá ido mais vezes estava mais à vontade, como vou lá poucas vezes, as vezes tenho uma certa dificuldade, mas também não”

(E-EI4)

“Estou numa fase inicial, porque também não pratico muito, e não tenho tempo para o fazer”

(E-EI3)

“É razoável vou lá algumas vezes”

(E-EI7)

“Só publiquei no início, nunca mais voltei, não tenho tempo e já me esqueci de muitas coisas”

(E-EI5)

“Já fui mais participativa, já tive mais disponibilidade, mas houve alguns fatores, que me levaram neste momento a ter uma menor prestação. Tenho sido mais de ir buscar do que publicar”

(E-EI10)

Após a análise das plataformas que acolheram esta comunidade concluímos que houve alguma cooperação entre os membros, ou seja, houve momentos de entreatajuda entre eles. Este fator verificou-se apenas no grupo do *Facebook* (Figura 24, 25 e 26).

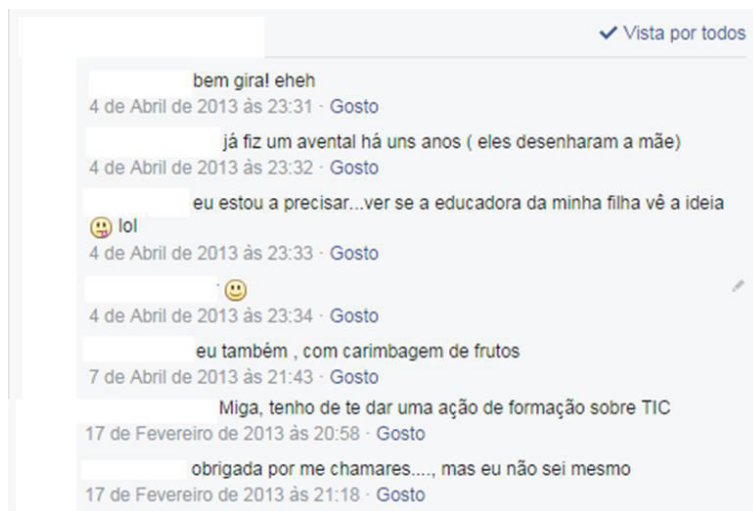


Figura 24- Momentos de entreatajuda (1)

(FN-I); (FN-EI4); (FN-EI10)



Figura 25- Momentos de entreatajuda (2)

(FN-I); (FN-EI4); (FN-EI10)

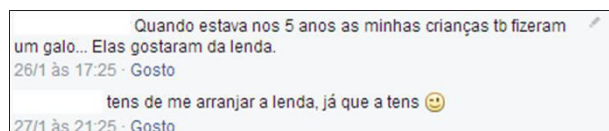


Figura 26- Momentos de entreajuda (3)

(FN-I); (FN-EI10)

Através da análise dos dados colhidos nas diferentes técnicas de recolha de dados, percebemos que a maioria dos membros da comunidade J@rdim do Girassol acha que este espaço virtual favoreceu a troca de ideias e materiais para a prática pedagógica, como evidencia os excertos que se seguem:

“Sim, sem dúvida. Nós no trabalho não temos tempo para trocar ideias, e assim trocamos sempre algumas ideias, vamos lá e trocamos ideias e opiniões”

(E-EI4)

“ (...) E também a colaboração mais alargada, E o conhecimento de outras ferramentas que não tinha noção, e que dava para alargar mais a qualidade de trabalho”

(E-EI10)

Analisando as publicações efetuadas, constatamos que essencialmente foram partilhadas histórias em *PowerPoint*, músicas do *Youtube* e imagens de trabalhos de expressão plástica. Verificamos que muitos dos recursos não eram da autoria dos participantes mas sim recursos pesquisados na *Internet* (Figura 27).



Figura 27- Recurso encontrado na Internet e publicado no Blog

(B-EI10)

Concluimos que, houve partilhas de ideias de trabalhos de expressão plástica, de histórias e de músicas e verificamos alguns momentos de cooperação entre os membros na CoP.

Constatamos também, que não existiram práticas colaborativas, os participantes não se envolveram verdadeiramente nesta CoP, ou seja, não houve “reflexão crítica dos participantes e construção partilhada do conhecimento” (Miranda-Pinto, p.470, 2009).

### **6.2.2.2- Ferramentas *Web 2.0* utilizadas na CoP**

No que concerne às ferramentas da *Web 2.0*, que acolhem esta comunidade, as escolhidas no *focus group*, foram o *Facebook*, *Dropbox* e *Blogger*.

“O Facebook não tem nada que saber, a plataforma já está criada”

(FG-EI10)

“Daquilo que eu conheço se calhar o blog”

(FG-EI10)

“Dropbox, tudo que está relacionado com a documentação interna, é até uma segurança”

(FG-EI10)

Através das publicações, comentários e entrevistas conseguimos saber que a ferramenta que mais favoreceu o trabalho cooperativo foi o *Facebook*. Todos os entrevistados mencionaram que foi nessa ferramenta que se sentiram mais à vontade. Este fato verifica-se porque a maioria já tinha conta e estavam familiarizados com essa ferramenta.

A ferramenta de comunicação e de partilha menos utilizada foi o *Dropbox*, em virtude de terem sentido algumas dificuldades a nível informático.

“Mais à vontade, ....A dropbox também é fácil de usar, mas só depois de conhecer. Aliás não tive dificuldade em nenhuma delas. Claro que o facebook, é Precioso”

(E-EI10)

“As que eu mais utilizei e onde houve mais desenvolvimento, foi o Facebook e também gostei muito de trabalhar com o bloger, e acho que o bloguer é uma partilha mais alargada, o facebook era o mais utilizado, sentia-me um bocadinho mais realizada estava a dar algo que devia também favorecer outras pessoas”

(E-EI10)

“ O Facebook é claro, já conhecia e fiquei a conhecer melhor”

(E-EI7)

Podemos acrescentar que o *Facebook* surge como a ferramenta mais utilizada, seguida pelo *Blog*. Quanto às ferramentas da *Web 2.0*, mais usadas para fazer publicações nas plataformas do J@rdim do Girassol, o *Youtube* e *Scribd* ganham evidência.

### **6.2.2.3- Integração das TIC na sala de atividades antes e após a pertença na CoP**

Relativamente à utilização das TIC na sala de atividade, antes da pertença na CoP, a maioria dos entrevistados afirmou já utilizar as TIC em contexto de sala. Apenas três dos entrevistados referem que não utilizavam as TIC na sala de atividades.

“Utilizava a Internet, utilizava o computador, fazia projeções de filmes e basicamente era isso”

(E-EI10)

“PowerPoint, retroprojektor, computador”

(E-EI3)

“ O computador para mostrar histórias”

(E-EI7)

“Muito raramente”

(E-EI4)

Após a integração nesta comunidade, verificamos que dois dos entrevistados confessaram que nunca tinham utilizado as TIC em contexto de sala, mesmo depois

da sua participação na CoP. Ou seja, a integração nesta comunidade não fez com que eles integrassem as TIC no desempenho da sua profissão.

Percebemos que um dos entrevistados, que não tinha o hábito de usar as TIC na sala de atividades, passou-as a utilizar, depois da integração nesta CoP.

Os restantes educadores de infância inquiridos, afirmaram que já usavam as tecnologias para fins educativos, mas após a pertença a esta comunidade *online*, começaram a utilizar as tecnologias como forma dinamizadora das suas atividades em contexto educativo.

“(…) Os computadores hoje em dia dão motivação e então se levarmos uma história no computador para a sala eles ficam muito mais entusiasmados e é diferente”

(E-EI4)

“Já valorizava, anteriormente, antes da comunidade pratica”

(E-EI3)

“Continuei a utilizar com mais frequência”

(E-EI10)

“Eu usava o computador às vezes na sala, agora com as histórias partilhadas uso mais”

(E-EI7)

Analisando as publicações no grupo secreto J@rdim do Girassol (*Facebook*), conseguimos visualizar que apenas um participante quis utilizar os conhecimentos adquiridos na comunidade, criar recursos educativos e partilha-los na CoP (Figura 28).



Figura 28- Publicação de um recurso da autoria de um membro da CoP

(FN-I1), (FN-EI10)

De uma forma geral, os resultados obtidos indicam-nos que os educadores de infância após a pertença a esta CoP se sentem motivados a utilizar TIC em contexto educativo, contudo, alguns obstáculos ou dificuldades condicionam a utilização das TIC para criar recursos educativos e para a preparação de atividades educativas.

#### 6.2.2.4- Benefícios da CoP

Nesta subcategoria, pretendemos perceber se os participantes dão valor à comunidade e em que contextos o fazem.

Ao analisarmos as publicações, verificamos que os membros mais ativos revelaram que dão valor ao espaço virtual J@rdim do Girassol. Reconhecem esta comunidade como um espaço de encontro, de partilha de ideias e de experiências, ou seja, tem sido uma mais valia nas suas práticas pedagógicas.

“Sim, sem dúvida. Nós no trabalho não temos tempo para trocar ideias, e assim trocamos sempre algumas ideias, vamos lá e trocamos ideias e opiniões”

(E-EI4)

Através de alguns comentários e publicações, percebemos que os participantes deste estudo dão valor a esta comunidade, sentem-se aceites e integrados. Algumas comunicações confirmam esses fatores (Figura 29, 30 e 31).

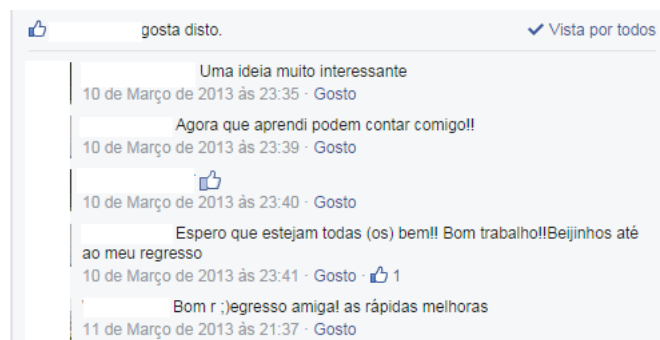


Figura 29- Indícios que revelam que os membros dão valor à comunidade (1)

(FN-I); (FN-EI7); (FN-EI10)



Figura 30- Indícios que revelam que os membros dão valor à comunidade (2)

(FN-I); (FN-EI7); (FN-EI10)

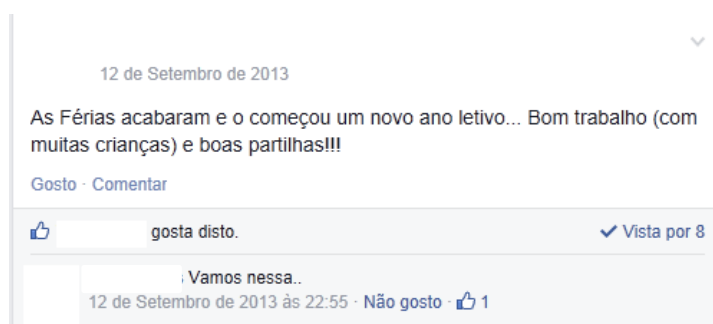


Figura 31- Indícios que revelam que os membros dão valor à comunidade (3)

(FN-I); (FN-EI5)

“Boas férias ☺ e quanto ao grupo, p o ano cá estaremos. Beijinhos”

(FN-EI10)

“Gosto da forma como trabalhamos...Nos divertimos...E nos unimos! Bjinhos p todos! Foi uma grande festa mais uma vez”

(FN-EI10)

Concluimos que, de uma forma geral os participantes deste estudo acham que este projeto lhes ofereceu uma oportunidade de aprendizagem e potenciou novas competências a nível pessoal, profissional e tecnológico.

#### **6.2.2.5- Obstáculos na participação na CoP *online***

Analisando as respostas obtidas na entrevista sobre os constrangimentos que sentiram na sua participação nesta CoP, verificamos que os participantes destacaram os seguintes fatores: falta de tempo e pouca familiaridade com as ferramentas.

“Foi mais a falta de tempo”

(E-EI4)

“Não tenho tempo, a sério e também não me sinto muito à vontade com as tecnologias”

(E-EI5)

“Falta de tempo, não dominar bem as ferramentas”

(E-EI7)

“Era mais para aprender, a utilizar as ferramentas, o que custou mais foi o blogue, foi onde senti mais dificuldades foi no Blogue, mas no fim de aprender é simples”

(E-EI6)

Pelo acima exposto, os resultados sugerem que, apesar dos educadores terem formação na área das TIC, ainda sentem algumas dificuldades na utilização das ferramentas da *Web 2.0*.

### 6.2.2.6- Sugestões para o melhoramento da CoP

Analisando as entrevistas apuramos que nenhum dos membros fez qualquer sugestão para o melhoramento da CoP.

“Não! Acho que a comunidade prática tem funcionado muito bem, diariamente, quase diariamente veem-se lá coisas novas, novidades, (...) temos estado a trabalhar no nosso meio”

(E-EI3)

“Não! Não tenho nenhuma sugestão, eu também agradeço por nos ter ensinado também, porque antes não tinha conhecimento e vamos continuar”

(E-EI4)

“Relativamente a comunidade acho que deve continuar, porque favoreceu muito o trabalho cooperativo no dia a dia, aproximou-nos”

(E-EI10)

Contudo, numa publicação feita no grupo secreto J@rdim do Girassol (*Facebook*) alusiva ao *Dropbox*, um dos membros sugeriu a utilização do *Skydrive* em vez do *Dropbox*, porque estava com dificuldades em trabalhar com essa ferramenta (Figura 32).



Figura 32 - Sugestão de uma nova ferramenta para armazenamento em nuvem

(E-I); (E-EI10)

Apesar de todas as dificuldades sentidas, e após ter percebido as suas potencialidades, rendeu-se ao *Dropbox*.

### **6.3 – Análise qualitativa das interações no J@rdim do Girassol**

Como referimos no Capítulo 4, para fazermos a análise qualitativa das interações feitas nesta comunidade de prática online, usamos o Modelo de Miranda Pinto (2009). Ao usarmos este modelo queremos verificar se todos os indicadores são observáveis na CoP J@rdim do Girassol e comprovar se esta CoP é efetivamente uma comunidade de prática.

De seguida apresentamos os dados do discurso e itens partilhados pelos participantes da CoP que validam as dimensões do Modelo da referida autora.

Queremos referir que tivemos a autorização de todos os membros desta CoP para utilizarmos as imagens partilhadas e conversas, que decorreram na CoP para fazermos a análise das interações na CoP J@rdim do Girassol.

#### **1- Dimensão Social e de Partilha (Estabelecimento de Relações Interpessoais - Integrar, Partilhar e Comparar Informação)**

Consideramos esta primeira dimensão do modelo Miranda-Pinto (2009), um princípio básico para a existência de uma CoP *online*. A autora considera que os participantes quando integram numa comunidade de prática inicialmente são observadores, após esse período fazem a caracterização pessoal do seu perfil, bem como a sua apresentação na comunidade.

Em seguida, aparecem as primeiras partilhas e comentários. Quando os participantes já se sentem familiarizados com a CoP começam a questionar, responder e refletir sobre um assunto partilhado.

##### **1.1- Presença como observador-participante e como explorador**

Ao analisarmos as plataformas que acolhem esta comunidade, é evidente a presença dos participantes como observadores-participantes e como exploradores. Na plataforma do *Facebook*, este tipo de participação é perceptível porque conseguimos ver que os participantes visionaram o conteúdo da mensagem, mas não fizeram qualquer tipo de comentário (Figura 33).



Figura 33- Presença dos participantes como observadores-participantes

(FN-I)

### **1.2- Caracterização pessoal do perfil**

Relativamente a este item, não houve descrições individuais feitas pelos membros da comunidade, pois todos os membros desta comunidade conhecem-se e inclusivamente trabalham juntos há vários anos. É de salientar que a CoP J@rdim do Girassol surgiu para apoiar práticas para além do contexto presencial, onde todos já partilham as suas práticas.

### **1.3- Apresentação na comunidade**

Quanto a este item, não houve apresentações individuais feitas pelos membros da comunidade, pois como foi referido anteriormente, todos os membros desta comunidade conhecem-se e inclusivamente trabalham juntos há vários anos. Esta CoP nasceu para que os seus participantes se pudessem apoiar, para além do contexto presencial.

### **1.4- Partilha de experiências**

Neste descritor, vamos mostrar que nesta comunidade existiram partilhas de materiais e experiências. Segundo a autora deste modelo, estas primeiras publicações são o “primeiro passo para o desenvolvimento de partilhas mais aprofundadas e que envolvem o debate e construção de conhecimento” (Miranda- Pinto, 2009, p.457).

No J@rdim do Girassol foram partilhadas imagens, vídeos, histórias, experiências, canções, projetos educativos, planos anuais e semanais, tal como se evidencia nos excertos e nas figuras (Figuras 34, 35, 36, 37 e 38) que se seguem:

“Ideias...são apenas ideias! lol”

(FN-EI10)

“Trabalhos e ideias para o carnaval”

(FN-EI10)

“Algumas sugestões para as colegas!!nada de novo mas!!!Bom Trabalho”

(FN-EI7)

“Algumas ideias!!!”

(FN-EI7)

“Verão no Berçario...o que acham...”

(FN-EI5)

“Original e com rolinhos q tanto gostamos de aproveitar”

(FN-EI10)

“Já coloquei no Blog...se tiverem histórias partilhem ☺ se precisarem de ajuda digam”

(FN-I)



Figura 34- Partilha de uma música, retirada do Youtube, no Facebook

(FN-EI10)

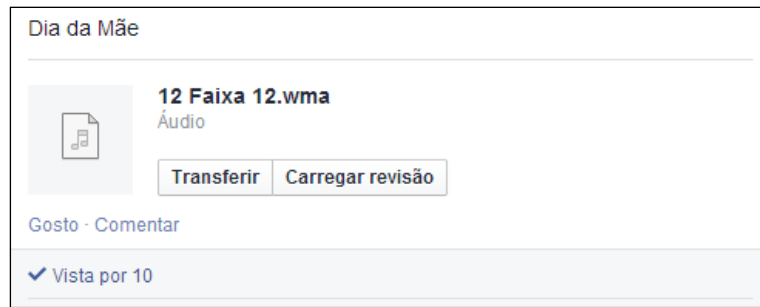


Figura 35- Partilha de uma música, em extensão wma, no *Facebook*

(FN-EI3)



Figura 36- Partilha de uma história no *Blog*

(M-EI4)



Figura 37- Partilha de imagens de trabalhos de expressão plástica, no *Blog*

(M-EI4)

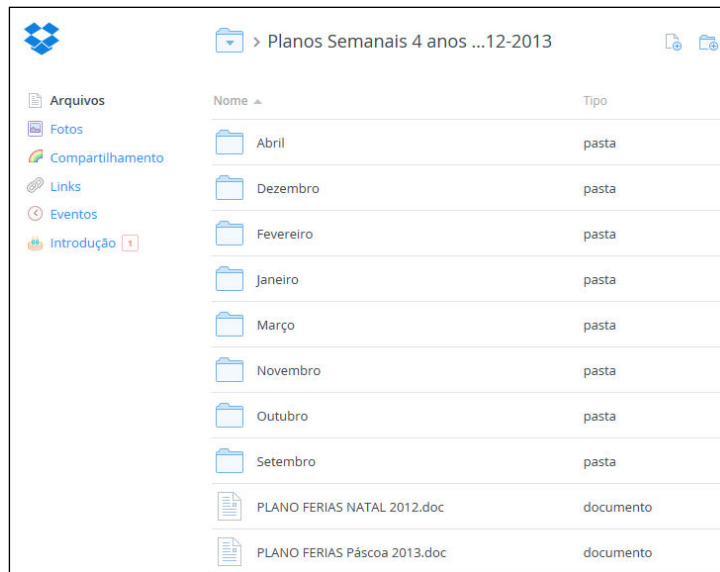


Figura 38- Documentos compartilhados no *Dropbox*

(D-EI10)

Nesta partilha de experiências, encontramos várias temáticas, mas todas relacionadas com a educação de infância. Verificamos que, quando a temática era do interesse de outros participantes, estabelecia-se um diálogo.

### 1.5- Corroborar comentários de um ou mais participantes

No descritor Corroborar comentários de um ou mais participantes, verificamos que após a partilha de experiências, muitos dos participantes sentiram a necessidade de fazer comentários em relação às partilhas feitas por outros membros.

“Muito giras! Boas ideias...”

(FN-EI10)

“Ideias Fantásticas”

(FN-EI5)

“Gosto, gosto”

(FN-EI6)

“Está muito giro	(FN-EI7)
“Gostei.”	(FN-EI5)
“Estão as duas de parabéns !! eu só aprovei...lol”	(FN-EI7) “
“Tanta cor! Está giro....”	(FN-EI10)
“Muito gira”	(FN-EI4)
“Muito Bonito”	(C-EI4)
“Vi essa história na Fnac...boa”	(CB-EI4)
“Obrigada mais uma para a minha difícil escolha”	(FN-EI4)
“Tenho de experimentar essa ferramenta”	(FN-EI10)

Na maioria das publicações, e estas foram feitas no *Facebook*, os participantes tiveram a necessidade de corroborar comentários. Muitas das vezes não faziam qualquer comentário, apenas faziam um “*like*” (botão que o *Facebook* criou) e assim expressavam a sua opinião sobre a temática publicada.

## 1.6- Questionar e responder para clarificar detalhes de alguma participação

Verificamos que os membros do J@rdim do Girassol muitas vezes tinham a necessidade de questionar e responder às partilhas feitas por outros participantes.

“Ah, ah, vocês não estão a pensar em ...fazer?”

(FN-EI4)

“Será q foi o formato com q gravei o ficheiro?”

(C-EI10)

“Mas vais fazer igual à minha? Aquele que imprimi e te mostrei? Depois não falamos mais acerca das coroas”

(C-EI4)

“Pois é o Natal já passou...é hora de pensar nos Reis, mais especificamente nas coroas!!! Já pensaram o que vão fazer? Deixo a foto das coroas que fiz ano passado”

(FN-I)

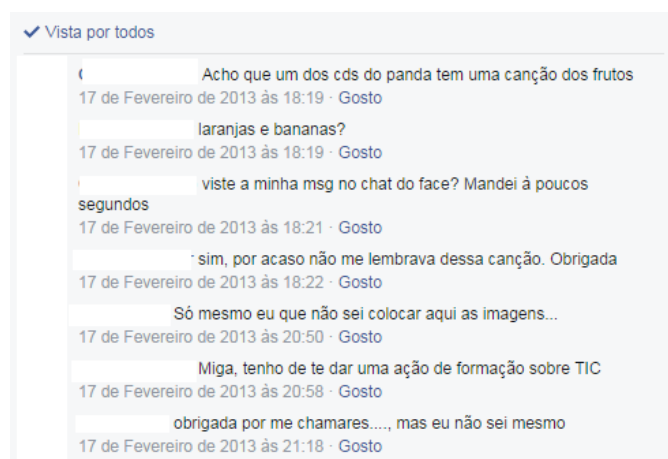


Figura 39- Questionamento e respostas às partilhas feitas (1)

(FN-I); (FN-EI3); (FN-EI4)



Figura 40- Questionamento e respostas às partilhas feitas (2)

(FN-I), (FN-EI10)

Apuramos que os membros mais ativos, às vezes tinham necessidade de questionar e até responder a questões relacionadas com as publicações. Isso significa que alguns participantes conseguiram um maior envolvimento na dinâmica desta CoP.

## 2- Dimensão de Negociação, Empenhamento Mútuo e Cooperação (Interatividade Cognitiva):

Para esta dimensão se verificar numa comunidade, é necessário que os participantes interajam entre si e se sintam elementos pertencentes a essa comunidade.

### 2.1- Identificação de Áreas de Interesse entre os participantes

Através das interações dos participantes foi possível identificar algumas áreas de interesse entre os participantes, como podemos comprovar com as imagens que (Figura 41 e 42) e excertos de conversações no *feed* notícias.

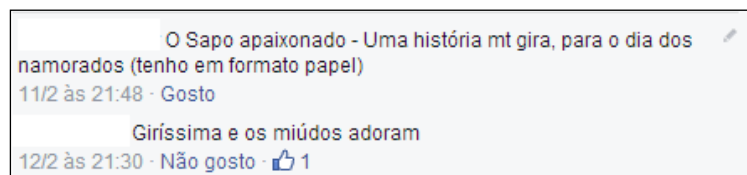


Figura 41- Identificação de Áreas de Interesse entre os participantes

(FN-I); (FN-EI10)

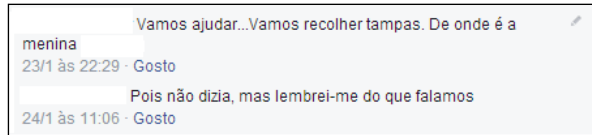


Figura 42- Identificação de Áreas de Interesse entre os participantes

(FN-I); (FN-EI6)

“O jogo do galo também já fiz”

(FN-EI4)

“Trabalhei essa história o ano passado”

(FN-EI10)

Através dos comentários feitos às publicações, conseguimos perceber quais os assuntos que invocaram mais interesse. Constatamos existirem mais comentários nas publicações relativas à expressão plástica e nas publicações alusivas às histórias.

## 2.2- Negociação ou esclarecimento dos significados dos diversos termos utilizados.

Após a identificação de áreas de interesses entre os participantes foi possível observamos que, por vezes houve a necessidade e o interesse de prolongar a conversa iniciada, ou seja, o esclarecimento de significados de termos utilizados (Figura 43).



Figura 43- Esclarecimento dos significados dos diversos termos utilizados.

(FN-I); (FN-EI10)

Reconhecemos que não existem grandes evidências nesta categoria. Isso mostra-nos que muitas vezes não existiu “interesse e motivação para prolongar o diálogo iniciado” (Miranda- Pinto, 2009, p.462).

### 2.3- Proposta e negociação sobre novas áreas de debate

Este descritor não foi observável, não houve grandes debates e consequentemente não houve propostas para novas áreas de debate.

### 2.4- Cooperação na realização de atividades entre os participantes

No J@rdim do Girassol houve alguns momentos de cooperação na realização de atividades, isso verificou-se essencialmente entre os membros que estavam mais envolvidos nesta comunidade (Figura 44, 45 e 46).

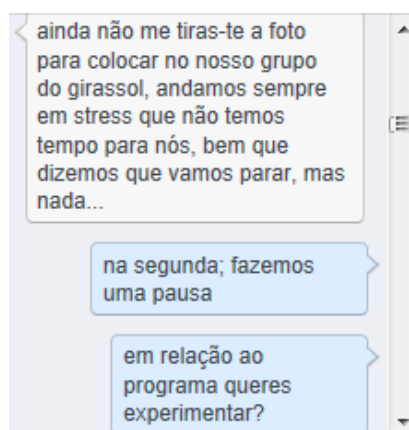


Figura 44- Pedido de ajuda feito no chat do Facebook

(C-I); (C-EI4)

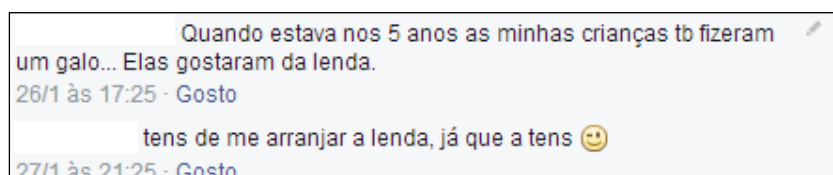


Figura 45- Pedido de ajuda feito no feed notícias do Facebook

(FN-EI1); (FN-EI10)

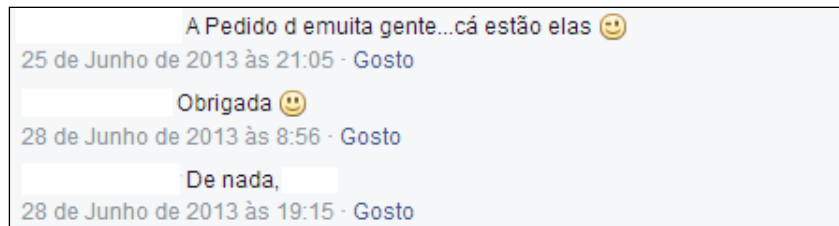


Figura 46- Partilha de materiais, a pedido de alguns membros

(FN-I); (FN-EI6)

“Acho que finalmente consegui passar o que queria! Obrigada às minhas professoras(...) Não é fácil, mas devagar lá vou aprendendo a fazer coisas...Boas férias (...) muitos PARABENS um pouco atrasados...mas sentidos!!”

(FN-EI9)

A cooperação nesta comunidade foi notória nos membros mais ativos, que por vezes solicitavam ajuda para uma finalidade.

## 2.5- Empenhamento mútuo de práticas diversificadas

Verificou-se, que por vezes existiu empenhamento mútuo entre os participantes mais atuantes nas plataformas que acolheram esta CoP; isto só foi possível porque houve cooperação entre eles (Figura 47, 48, 49 e 50).



Figura 47- Empenhamento mútuo de práticas diversificadas (1)

(C-I); (C-EI10)

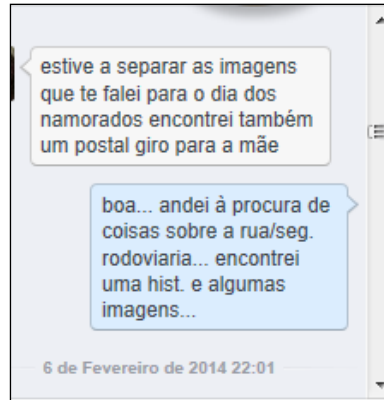


Figura 48- Empenhamento mútuo de práticas diversificadas (2)

(FN-EI1); (FN-EI6)

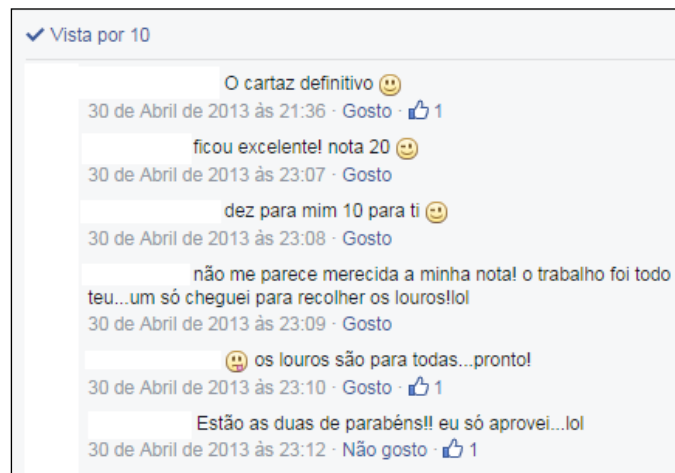


Figura 49- Empenhamento mútuo de práticas diversificadas (3)

(FN-I); (FN-EI7); (FN-EI10)

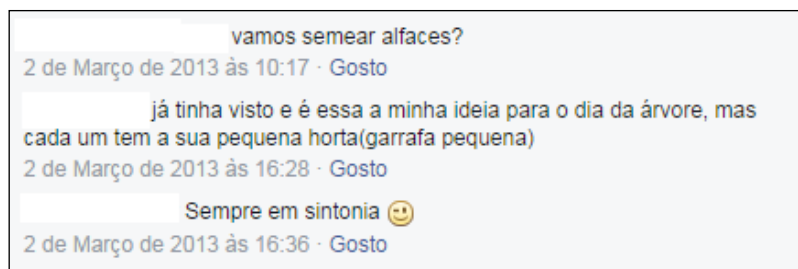


Figura 50- Empenhamento mútuo de práticas diversificadas (4)

(FN-I); (FN-EI4)

“Está MT giro. Na semana do Carnaval quero trabalhar o recinto de histórias tradicionais...Acho q vou aproveitar esta!”

(FN-EI10)

Verificou-se que em alguns momentos os membros do J@rdim do Girassol revelaram empenhamento mútuo num tema, muitas vezes essa discussão já tinha sido iniciada presencialmente, pois relembro que todos os participantes trabalham juntos.

### **3- Dimensão de Colaboração e Construção de Conhecimento (Interatividade Metacognitiva)**

Esta dimensão tem três descritores: Partilha de informação, argumentação e integração de novos contributos; Debate sobre a informação partilhada e estabelecimento de um consenso; Reflexão crítica dos participantes e construção partilhada do conhecimento. Para esta dimensão ser exequível é necessário que os participantes estejam verdadeiramente envolvidos na Comunidade, tal não ocorreu nesta Comunidade.

### **4- Dimensão de Liderança e Moderação em Ambientes Online (Fatores de Sustentabilidade)**

Esta quarta categoria do modelo com os descritores: Identificação de líderes e moderadores; Estratégias de liderança e moderação e Evidência discursiva de orientação explícita, também não se verificou na CoP J@rdim do Girassol, pois nas interações feitas entre os participantes verificamos que não houve evidências de liderança e moderação, este facto, pode condicionar a sustentabilidade e durabilidade de uma CoP *online*, visto que é importante haver um líder para dinamizar, elogiar e propor novas atividades e temas.

### **5- Dimensão de Construção de Identidade em Ambientes Online (Diferenciação entre CoP)**

Perceção da presença cognitiva e Perceção da presença social são descritores da última dimensão do modelo.

Para verificarmos esta dimensão, era necessário que todas as dimensões do modelo de análise de interações de Miranda-Pinto (2009) sobressaíssem, o que tal não aconteceu.

Os participantes não se sentiram como parte integrante desta comunidade, não se envolveram de forma a criar laços, ambientes colaborativos e uma identidade comum.

## CAPÍTULO 7 – CONCLUSÕES

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos, tendo em conta a questão de investigação inicialmente colocada e os objetivos que nos propusemos alcançar.

Refere-se também algumas limitações do estudo e sugestões de trabalho para eventuais investigações futuras nesta área.

### 7.1 Reflexões finais

Neste estudo pretendíamos entender: “Em que medida as ferramentas da *Web 2.0* favorecem a criação de CoP e a consequente cooperação e colaboração através da interação *online* entre educadores de infância?” concluímos que, as ferramentas da *Web 2.0* podem favorecer a criação de CoP, estas comunidades “, podem criar um contexto favorável para a aprendizagem colaborativa”, tal como referido por Meirinhos (p.5, 2010).

Contudo, nem sempre as plataformas utilizadas como meio de interação *online* são consideradas Comunidades de Prática. Segundo Wenger, et al. (2002) para que uma comunidade seja considerada CoP é necessário a combinação de três elementos: domínio, comunidade e prática. Ficou claro que, tendo em conta os resultados obtidos, o J@rdim do Girassol não se constituiu uma efetiva comunidade prática *online*, porque não houve evidência dos três elementos de Wenger.

De fato, verificamos que os Educadores de Infância da Misericórdia de Santo António reuniam-se *online*, não por obrigação, mas por prazer, dado o interesse em comum - educação de infância. Foi notória a partilha de ideias, materiais e experiências, mas isso, por si só não é indicador de uma comunidade de prática, para isso era necessário que houvesse “uma entrega mútua, o estabelecimento de relações verdadeiras” (Miranda-Pinto, 2009, p.212) e tal não se verificou nesta comunidade.

Ao aplicarmos o modelo de interações Miranda-Pinto (2009), tivemos a confirmação que o J@rdim do Girassol não se constituiu uma comunidade de prática, pois apenas as duas primeiras dimensões, preconizadas pela autora, se confirmaram, as restantes não foram observáveis perante os dados recolhidos ao longo da investigação realizada. Contudo, os membros reconhecem que o J@rdim do Girassol é um espaço de aprendizagem, a prova disso é que ainda hoje se verificam dinâmicas na comunidade, em especial no *Facebook*, a plataforma que os participantes elegeram como mais intuitiva. E assim, respondemos à questão de investigação: neste estudo o

Facebook foi a ferramenta da *Web 2.0* que mais favoreceu a criação de uma comunidade *online* e consequente cooperação entre os educadores de infância daquela Instituição. Todavia, não houve dinâmicas de empenhamento mútuo (Wenger et al., 2002) e portanto não se concretizaram processos colaborativos entre os participantes.

Ao respondermos à questão de investigação, respondemos também a dois dos objetivos que nos propusemos verificar: Perceber quais as ferramentas da *Web 2.0* que facultam o desenvolvimento do trabalho cooperativo e colaborativo e perceber que dinâmicas revelam os educadores de infância deste projeto que são próprias de uma CoP.

Quanto à troca de materiais didáticos para a prática pedagógica em formato digital nas diversas plataformas, outro objetivo deste estudo, este foi alcançado, pois no J@rdim do Girassol, foi visível troca e repositório de músicas, histórias e ficheiros. Comprovamos que devido à facilidade de publicação e de armazenamento de textos e ficheiros, as ferramentas da *Web 2.0*, tornam a *Web* um espaço social (Coutinho & Bottentuit, 2007), um espaço onde profissionais da educação podem trocar informações, ideias e materiais de acordo com o seu interesse e necessidade.

Propusemo-nos a incentivar os educadores a serem intervenientes ativos nas plataformas, usando as várias ferramentas da *Web 2.0*, segundo a revisão de literatura, a presença de um líder é importante para “gerir, coordenar, orientar, estabelecer normas de funcionamento e ajudar nas tomadas de decisões” (Miranda-Pinto, 2009, pag.230). A presença deste numa comunidade “pode prolongar o ciclo de vida de uma comunidade” (Miranda-Pinto, 2009, pag.231). No J@rdim do Girassol, apenas o investigador assumiu o papel de liderança, responsabilizou-se pela estrutura, regras e dinâmicas da comunidade (Miranda-Pinto, 2009).

O investigador deste estudo esteve sempre presente e apoiou todos os participantes, a prova disso, são a quantidades de publicações feitas pelo investigador nas diferentes ferramentas que acolheram esta comunidade. Contudo, apesar de o investigador incentivar os educadores a serem intervenientes ativos nas plataformas, isso não foi o suficiente para estes assumirem o papel de líderes ou moderadores.

Averiguar que mudanças se verificaram nas práticas pedagógicas dos educadores de infância, no que toca ao trabalho individual/trabalho colaborativo, após

a pertença nesta comunidade e analisar de que forma é que esta comunidade potenciou a utilização das TIC em contexto educativo, são mais dois dos objetivos deste estudo, que pretendemos dar resposta a seguir nas principais conclusões do estudo que obedecem às seguintes temáticas: Formação dos educadores nas áreas de TIC e práticas de cooperação e colaboração na comunidade J@rdim do Girassol.

### **Formação dos educadores nas áreas de TIC**

A integração das TIC em contexto de sala de atividades, para alguns educadores representa, a motivação.

Através dos dados das entrevistas, constatamos que todos os educadores tiveram formação na área das TIC, uns na formação inicial, outros em formações a posteriori.

A maioria dos educadores enfrenta de forma positiva este desafio das tecnologias e reconhece a importância da formação contínua ou da auto-formação para a utilização das TIC em contexto de sala.

### **Práticas de cooperação e colaboração na comunidade J@rdim do Girassol**

Na comunidade J@rdim do Girassol verificou-se existir dinâmicas de cooperação entre os participantes, contudo os membros não se envolveram o suficiente para que houvesse colaboração, pois, na colaboração “a realização da tarefa articula-se mais num envolvimento pessoal, mas num ambiente de interação que possibilita a entajuda mútua” (Meirinhos, p.5, 2006).

O fato, de os participantes neste estudo, (educadores de infância do Jardim de Infância da Misericórdia de Santo António), se conhecerem e trabalharem diariamente pode ser um dos motivos para que não houvesse um maior empenhamento, pois às vezes, apercebemo-nos que os educadores de infância visionavam o conteúdo da publicação, não faziam qualquer comentário, mas depois presencialmente, no local do trabalho, estabeleciam diálogo sobre as partilhas feitas no J@rdim do Girassol.

Apuramos que a rede social *Facebook*, devido às suas potencialidades, foi considerada a mais intuitiva das ferramentas da *Web 2.0* utilizadas neste estudo, sendo que, foi a ferramenta que mais possibilitou o trabalho cooperativo e que permitiu o encontro e a partilha de ideias.

Como já referimos, esta comunidade não alcançou níveis reais de colaboração, temos a noção que é algo difícil de atingir, requer uma estrutura flexível dentro da comunidade, a responsabilidade com os trabalhos dos outros, e revela um reestruturar de novas formas de trabalho em grupo (Miranda-Pinto, 2009).

Na revisão da literatura, verificamos que as comunidades passam por um ciclo de vida, o J@rdim do Girassol situa-se no estágio *Coelescing* (Wenger et al., 2002), nesta fase, é necessário que haja um grande envolvimento por parte dos membros para que a comunidade progrida e isso não se verificou.

Na nossa opinião, esta comunidade serviu para aproximar os profissionais daquela Instituição, permitindo-lhes estarem atentos às potencialidades das TIC, pois se os educadores “ não são informados, não contactam e não experimentam as potencialidades das TIC, dificilmente se irão sentir atraídos por este mundo” (Paiva, 2002, p.49). Apercebemo-nos que a importância da utilização das TIC em contexto de sala de atividades foi reconhecida, contudo, devido à falta de familiaridade com as tecnologias, essa tendência não foi generalizada.

## **7.2 Limitações do estudo**

Uma das limitações deste estudo foi a pouca experiência da investigadora, no que respeita às práticas investigativas, este fato terá condicionado muitas decisões durante a investigação.

Aludimos que a falta de conhecimentos técnicos por parte dos participantes fez com que fosse preciso um maior apoio presencial e *online*. Pensamos que este fator também foi condicionante para que alguns elementos não participassem de forma ativa na comunidade J@rdim do Girassol.

Temos consciência que, para ultrapassar as dificuldades ou falta de conhecimentos sobre o funcionamento das ferramentas da *Web 2.0*, deveríamos ter optado por criar sessões temáticas ou *Workshops* presenciais, para os participantes deste estudo ficarem familiarizados com as ferramentas que acolheram esta Comunidade.

## **7.3- Sugestões para investigações futuras**

Na sequência do trabalho que aqui se conclui, propõe-se novas investigações sobre esta temática mas com a integração de novos membros no J@rdim do Girassol,

pertencentes a outras Instituições da Santa Casa da Misericórdia, para perceber os processos de cooperação e colaboração entre educadores de infância de várias Instituições Particulares de Solidariedade Social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amante, Lúcia. (2004). *Explorando as novas tecnologias em contexto de educação pré-escolar: A actividade de escrita*. Obtido em 19 Novembro 2012 de: [http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312004000100013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312004000100013&lng=pt&nrm=iso)
- Amante, Lúcia. (2005). *As Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação Pré-Escolar: excertos de um percurso*. Revista do movimento da Escola Moderna, 25, 2. Obtido em 16 Novembro 2014 de: [http://www.academia.edu/6927180/As\\_Tecnologias\\_da\\_Informa%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_da\\_Comunica%C3%A7%C3%A3o\\_na\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_Pr%C3%A9-Escolar\\_excertos\\_de\\_um\\_percurso](http://www.academia.edu/6927180/As_Tecnologias_da_Informa%C3%A7%C3%A3o_e_da_Comunica%C3%A7%C3%A3o_na_Educa%C3%A7%C3%A3o_Pr%C3%A9-Escolar_excertos_de_um_percurso)
- Amante, Lúcia. (2007). *As TIC na Escola e no Jardim de Infância: motivos e factores para sua integração*. Sísifo/Revista de Ciência da Educação.3. p.60. Obtido em 16 Novembro 2013 de [http://www.academia.edu/3561151/As\\_TIC\\_na\\_Escola\\_e\\_no\\_Jardim\\_de\\_Inf%C3%A2ncia\\_motivos\\_e\\_factores\\_para\\_a\\_sua\\_integra%C3%A7%C3%A3o](http://www.academia.edu/3561151/As_TIC_na_Escola_e_no_Jardim_de_Inf%C3%A2ncia_motivos_e_factores_para_a_sua_integra%C3%A7%C3%A3o)
- Boeira, A. F. (2012). *Blogs na Educação: Blogando algumas possibilidades pedagógicas*. Obtido em 25 de Setembro de 2013 de: <http://tecnologiaseducacao1.blogspot.pt/2012/10/resumo-do-texto-blogs-na-educacao.html>
- Bogdan, R.&, Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brito, Rita (2011). *As TIC em educação Pré-Escolar: utilização pelos Educadores de Infância e crianças*. Obtido em 16 Dezembro 2013 de: [http://anae.biz/rae/wp-content/uploads/2011/03/as\\_tic\\_em\\_educacao\\_pre\\_escolar\\_utilizacao\\_pelos\\_educadores\\_de\\_infancia\\_e\\_crianças.pdf](http://anae.biz/rae/wp-content/uploads/2011/03/as_tic_em_educacao_pre_escolar_utilizacao_pelos_educadores_de_infancia_e_crianças.pdf)
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa : Universidade Aberta.
- Carvalho, A. A. (2008). *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores*. Lisboa: DGIDC, Ministério da Educação.

- Carvalho, M. & Carvalho, Raquel. (2011). *A utilização do Blog e sua importância*.  
Obtido em 12 de Abril de 2013 de: <http://wawrwt.wordpress.com/2011/08/20/19/>
- Coutinho, Clara & Chaves, José. (2002). *O estudo de caso na investigação em tecnologia educativa em Portugal*. Revista Portuguesa de educação, 15 (1), pp.221-244. Cied-Universidade do Minho. Obtido em 22 de Agosto de 2014 de: <http://hdl.handle.net/1822/492>
- Coutinho, C. P., & Bottentuit Junior, J. B. (2007). *Blog e wiki : os futuros professores e as ferramentas da Web 2.0*. IIE'2007: actas do Simpósio Internacional de Informática Educativa (pp. 199-204). Porto: ESE-IPP.
- Coutinho, C. P. & Bottentuit Junior, J. B. (2008). *Comunicação Educacional: do modelo unidireccional para a comunicação multidireccional na sociedade do conhecimento*. In Martins, Moisés de Lemos ; PINTO, Manuel (org.) - Comunicação e Cidadania : Actas do 5º Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação (pp.1858-1869). Braga : Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho).
- Coutinho, C. P. (2009). *Tecnologias Web 2.0 na sala de aula: três propostas de futuros professores de portugueses*. Educação, Formação & Tecnologias, pp 75-86.
- Coutinho, C., Costa, J., Ferreira, J.C., Domingues, L., Tavares, T., & Diegues, V. (2009). *Conhecer e utilizar a Web 2.0: um estudo com professores do 2º, 3º ciclos e secundários*. In Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia (p.5614). Braga: Universidade do Minho.
- Correia, Margarida. (2011). *Facebook-potencialidades educativas*. (2012). Obtido em 12 de Abril de 2013 de: <http://www.slideshare.net/mmlcorreia/facebook-potencialidades-educativas-11686856>
- Costa, F. A. (2010). *Metas de Aprendizagem na área das TIC: Aprender Com Tecnologias*. I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

- Costa, F. A. (2012) *Repensar as TIC na educação, O Professor como agente transformador* (Coleção educação em análise). Carnaxide: Santillana.
- Damas. M. J., & Ketele, J. M. (1995). *Observar para avaliar*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Dias, Paulo (2004). *Processos de Aprendizagem Colaborativa as Comunidades online*. In Ana Augusta da Silva Dias e Maria João Gomes (Coords.), *E-learning para E-formadores*. Guimarães:TecMInho/Gabinete de Formação Contínua, Universidade do Minho.
- Dias, Paulo, Osório, A. J. (2010). *TIC na educação perspectivas de inovação*. Braga: Centro de competência Universidade do Minho.
- Faria, A. (2007). *As TIC no Jardim-de-infância: Contributos do Blogue para Emergência da Leitura e da Escrita*. Dissertação de Mestrado não Publicada. Braga: Universidade do Minho.
- Faria, A. (2008). *TICteando no pré-escolar: contributos do blogue na emergência da literacia*. In *Educação, Formação & Tecnologias*; vol.1(1), pp.161-167. Obtido em 27 de Março 2013 de: <http://eft.educom.pt>
- Figueiredo, A. D. (2001). *Redes de educação : A surpreendente riqueza de um conceito*. In *Redes de aprendizagem, redes de conhecimento* (1ª Edição: Maio de 202 ed.) 972-8360-15-0. Lisboa:Edição Conselho Nacional de Educação – Ministério de Educação.
- Gomes, Maria João (2005). *Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica*. In *Actas do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa*, Portugal: ESSE Leiria, p.311-315. Obtido em 27 de Março 2013 de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>
- Gil, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Kitzinger, J. & Barbour, R. S. (1999). *Introduction: The challenge and promise of focus groups*. In *Devolinp focus research*. London: SAGE Plublications.

- Meirinhos, Manuel; Osório, António (2006) - *Aprendizagem em ambientes colaborativos a distância: transformação das funções do formador e dos formandos*. In DLCW06. Lisboa
- Meirinhos, Manuel (2010) - *Comunidades de prática de desenvolvimento profissional: condições e desafios de emergência*. In *Infância no digital*. Sesimbra: ArcaComum. ISBN 978-989-96590-1-8
- Minhoto, Paula & Meireles, Manuela. (2011). *Potencialidades do Facebook na promoção da aprendizagem colaborativa – um estudo na biologia do 12º ano*. In VII Conferência Internacional de TIC na Educação. Obtido em 27 de Março 2013 de: [https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/4401/1/PC\\_152\\_poster.PDF](https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/4401/1/PC_152_poster.PDF)
- Ministério da educação. (1997). *Orientações Curriculares - para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa, Departamento da Educação básica, Núcleo de Educação Pré-Escolar.
- Ministério da educação. (2010). *Metas de Aprendizagem. Pré-Escolar-Tecnologias de Informação e Comunicação*. Lisboa, Instituto de Educação: Universidade de Lisboa.
- Miranda -Pinto, Maribel dos Santos. (2009). *Processos de colaboração e Liderança em Comunidades de Prática Online - O Caso da @rcaComum, uma comunidade Ibero-Americana de profissionais de educação de Infância*. Tese de Doutoramento. Instituto de Estudos da Criança. Braga Portugal: Universidade do Minho.
- Miranda-Pinto, Maribel dos Santos. (2012). *Ambientes emergentes para o desenvolvimento de comunidades de prática online – a arcacomum*. In Dias, Paulo, Osório, A. J. (Orgs), *TIC na educação perspectivas de inovação* (p.50). Braga: Centro de competência Universidade do Minho.
- Morgan, D. (1997). *Focus group as qualitative research*. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications.
- Osório, A. J. & Miranda-Pinto, Maribel dos Santos (2010). *Dinâmicas, colaboração e liderança na arcacomum*. In Osório, A.J., & Miranda-Pinto, Maribel dos Santos (Orgs), *Infância do digital* (pp.155-170). Arcacomum.

- Patrício, Maria Raquel & Gonçalves Vítor. (2010). *Utilização educativa do facebook no ensino superior*. In I Conference learning and teaching in higher education. Obtido em 7 de Abril 2013 de: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/2879>
- Paiva, J. (2002). *As Tecnologias de Informação e Comunicação: utilização pelos professores*. Obtido em 1 de Janeiro 2015 de: [http://www.dapp.min-edu.pt/nonio/pdf/utilizacao\\_tic\\_profs.pdf](http://www.dapp.min-edu.pt/nonio/pdf/utilizacao_tic_profs.pdf)
- Pires, Sónia M<sup>a</sup> Barbosa. (2009). *As TIC no currículo escolar*. EDUSER.Vol.1 (1). 48. Obtido em 23 de Abril 2013 de <https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/3/1>
- Primo, A. (2007). *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. Obtido em 13 de Outubro de 2012 de: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>
- Santamaria, F. (2005). *Herramientas colaborativas para la enseñanza. Usando tecnologías web: weblogs, redes sociales, wikis, Web 2.0*. Obtido em 10 de Outubro de 2013 de: [http://www.fernandosantamaria.com/descargas/herramientas\\_colaborativas2.pdf](http://www.fernandosantamaria.com/descargas/herramientas_colaborativas2.pdf)
- Wenger, E. (1998). *Communities of Practice: learning, meaning and Identity*. Cambridge, USA: Cambridge University Press
- Wenger, Etienne, Mcdermott, Richard & Snyder, William. (2002). *Cultivating Communities of Practice: A Guide to Managing Knowledge*. Boston: Harvard Business of School Press.
- Wikipédia. (2012). Definição de Blogue. Obtido em 20 de Março de 2012 de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>
- Wikipédia (2013). Definição de Facebook. Obtido em 27 de Março de 2013 de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>
- Wikipedia (2013). Definição de Dropbox. Obtido em 28 de Março de 2013 de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dropbox>
- Wikipedia (2013). Definição de Youtube. Obtido em 1 de Maio de 2013 de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>

Yin, Robert. (1994). Case Study Research: Design and Methods (2<sup>o</sup> Ed) Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

## **ANEXOS**

## **Anexo 1**

Convite enviado para o e-mail aos educadores de infância para participarem no Focus Group

Caro Colega,

No âmbito do projecto de investigação “Comunidades de Prática – Contributos das ferramentas online para o desenvolvimento e promoção da cooperação e colaboração entre educadores de infância”, conduzido sob a orientação da Doutora Maribel Miranda Pinto, no âmbito do Mestrado em Educação e Multimédia, na Escola Superior de Educação de Viseu, pretendo constituir e dinamizar uma comunidade de prática que funcionará online extra-curricular das actividades e dinâmicas presenciais do Jardim de Infância da Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul.

Com o objectivo de apresentar, discutir e reunir ideias sobre como conceber/estruturar a futura plataforma para acolher a futura comunidade e perceber quais as ferramentas da Web 2.0 devemos escolher para realizarmos um trabalho colaborativo/cooperativo, venho por este meio convida-lo para participar num Focus-Group(1) que irá realizar-se dia 11 de Fevereiro, pelas 17 horas e 30 minutos, com a duração aproximada de duas horas. Esta reunião será nas instalações do Jardim de Infância de Santo António de São Pedro do Sul.

Gostaria de contar com a vossa presença.

Com os cumprimentos,

Helena Salazar

(1) Focus group ou em português "discussões de grupo" é uma técnica utilizada na pesquisa de mercado qualitativa, na qual se emprega a discussão moderada de entre 8 e 12 participantes. Discussões de grupo costumam durar entre uma hora e meia e duas horas e devem ser coordenadas por um moderador experimentado. O moderador é também o facilitador da sessão, pois para além de regular a sessão dentro dos seus moldes, vai também ajudar o grupo a interagir (Wikipedia, 2012).

## **Anexo 2**

### **Enquadramento**

Este focus group integra-se no projecto de investigação “Comunidades de Prática – Contributos das ferramentas online para o desenvolvimento e promoção da cooperação e colaboração entre educadores de infância”, conduzido sob a orientação da Doutora Maribel Miranda Pinto, no âmbito do Mestrado em Educação e Multimédia, na Escola Superior de Educação de Viseu.

Com este estudo pretende-se, caracterizar uma comunidade de prática que funcionará online extra-curricular das actividades e dinâmicas presenciais do Jardim de Infância da Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul. Tentamos perceber de que forma os educadores de infância colaboraram e cooperam nessa comunidade e também compreender quais as ferramentas da Web 2.0 que os educadores de infância elegem para este efeito. Espera-se que este espaço online possa ser um ambiente de interacção por meio do qual todos os educadores da instituição possam estar sempre em comunicação, espera-se que isso contribua para o abandono do isolamento e da individualidade em favor da reflexão, da partilha, da construção conjunta do conhecimento e criação de soluções para problemas comuns das práticas profissionais. Pretende-se, também, entender de que forma esta CoP online vai ser útil para a utilização das TIC em contexto educativo.

### **Participantes**

Este Focus- Group, terá um grupo de 9 educadores de infância e uma professora de Inglês (os docentes do Jardim de Infância da Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul).

A dinamização do focus group estará a cargo da investigadora deste estudo (Helena Salazar).

### **Objectivo geral**

Os principais objetivos desta reunião será apresentar, discutir e reunir ideias sobre como conceber/estruturar a futura plataforma para acolher a futura comunidade e perceber quais as ferramentas da Web 2.0 devemos escolher para realizarmos um trabalho colaborativo/cooperativo.

Data: 11 de Fevereiro

Local: Jardim de Infância da Misericórdia de São Pedro do Sul

Hora: 17 horas 30 minutos

Duração: 90 a 120 minutos.

### **Procedimentos**

- Este grupo de enfoque será gravado em áudio para posterior transcrição. A cada participante será solicitada a declaração de concordância (anexo).

- A investigadora assegura o anonimato e a total confidencialidade dos dados recolhidos.

### **Realização do Focus Group**

- Este grupo de enfoque será precedido de uma breve introdução/contextualização a cargo da investigadora e em que serão acordados alguns procedimentos: somente uma pessoa falará por vez, deverá evitar-se conversas laterais (pois se falarem todos ao mesmo tempo poderá não ser perceptível na gravação), todos deverão dar a sua opinião....

<b>Ordem de Trabalhos:</b>	<b>Duração</b>
- Informação que este grupo de enfoque será gravado em áudio para posterior transcrição. A cada participante será solicitada a declaração de concordância. Informação de certos procedimentos.  -Agradecimentos aos presentes por terem disponibilizado o seu tempo para esta reunião.	5 min.
- Apresentação Individual de cada membro presente.	5 min.
-Apresentação em Powerpoint: mostrar as várias ferramentas colaborativas existentes na Web 2.0; Definição de Comunidade de prática (perceber que com a ajuda de algumas ferramentas da Web 2.0 podemos criar uma Cop) - em anexo.	10 min.

<p>-Apresentação do Projeto em Powerpoint - em anexo.</p>	<p>10 min.</p>
<p><u>-Discussão/debate dos seguintes temas:</u></p> <p><b>Papel das ferramentas da web 2.0 (blogue /facebook/Dropbox) na aprendizagem colaborativa</b></p> <p>1) Que ferramentas consideram mais adequadas para promover a aprendizagem colaborativa?</p> <p>2) Consideramos que o uso da ferramenta blogue poderá facilitar a aprendizagem colaborativa? Porquê?</p>	<p>15 min.</p>
<p><b>Apresentação do blogue/ grupo Facebook/ Dropbox(informação que todos serão administradores)</b></p> <p>3) Que nome deverá ter o Blogue/ Grupo no Facebook (nome para a Comunidade de Prática)?</p> <p>4) Que conteúdos/mensagens deverão conter o Blogue? Qual a sua finalidade? Todos serão administradores?</p> <p><i>-histórias digitais</i></p> <p><i>-Sugestões de actividades</i></p> <p><i>-Músicas (Youtube)</i></p> <p><i>-Artigos sobre a educação pré-escolar</i></p> <p><i>-Planificações</i></p> <p><i>- Partilhar reflexões</i></p> <p><i>-Jogos educativos (...)</i></p> <p>5) Que conteúdos/mensagens deverão conter o Facebook?</p> <p>6) Que documentos devemos partilhar no Dropbox?</p>	<p>10 min.</p> <p>10 min.</p> <p>10 min.</p> <p>10 min.</p>

7)As ferramentas que vamos trabalhar serão restritas ou abertas ao público?	2 min.
8) Vamos trabalhar com as ferramentas em simultâneo ou uma ferramenta de cada vez?	2 min.
9) Que outras ferramentas poderão ser utilizadas para trabalharmos de forma colaborativa?	5 min.
10) Quais as principais dificuldades e como poderão ser superadas?	5 min.
11)Sugestões	5 min.

Da participação voluntária e dedicada de todos resultarão certamente preciosos contributos para o estudo.

Obrigada pela colaboração!

## **Anexo 3**

## **Declaração de concordância**

\_\_\_\_\_, declaro que concordo com a gravação áudio do focus-group em que aceitei participar no âmbito do projecto de investigação " Comunidades de Prática – Contributos das ferramentas online para o desenvolvimento e promoção da cooperação e colaboração entre educadores de infância", conduzido sob a orientação da Doutora Maribel Miranda Pinto, no âmbito do Mestrado em Educação e Multimédia, na Escola Superior de Educação de Viseu, desde que os dados recolhidos sejam exclusivamente utilizados para fins de investigação e sejam salvaguardados os princípios éticos de confidencialidade e de anonimato.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura

\_\_\_\_\_

## **Anexo 4**

Caro Colega,

Este e-mail serve para convidá-lo a conhecer e a participar no projecto que estou a desenvolver: uma comunidade de prática que funcionará online extra-curricular das actividades e dinâmicas presenciais do Jardim de Infância da Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul.

Este projecto está a ser desenvolvido na Escola Superior de Educação de Viseu.

Espera-se que este espaço online possa ser um ambiente de interacção por meio do qual todos os educadores da Instituição possam estar sempre em comunicação, espera-se que isso contribua para o abandono do isolamento e da individualidade em favor da reflexão, da partilha, da construção conjunta do conhecimento e criação de soluções para problemas comuns das práticas profissionais.

Podem conhecer a comunidade através do endereço <http://jardimdogirassol.blogspot.pt/> .

Para participar (como administradores de um blog coletivo) basta aceitar o convite enviado para o seu e-mail (tem que ser gmail) e depois acederem <http://www.blogger.com/home> e fazerem o login. Em seguida, tem acesso às configurações e ao modelo do blog. Podem editar e excluir as postagens criadas por outros membros do blog.

Para conhecerem e participarem no Facebook, <http://www.facebook.com/home.php> basta aceitarem o convite para entrarem no grupo fechado “J@rdim do Girassol”.

Em anexo, envio as regras da Comunidade de Prática J@rdim do Girassol.

Em caso de dúvidas, contactar:

[helena.salazar82@gmail.com](mailto:helena.salazar82@gmail.com)

Atenciosamente,

Helena Salazar

## **Anexo 5**

## Regras de funcionamento da Comunidade de Prática

- 1- Jardim do Girassol é uma Comunidade de Prática Online para profissionais de Educação de Infância da Misericórdia de Santo António de São Pedro do Sul.
- 2- Esta comunidade é fechada, não há possibilidade de registo.
- 3- Todos os participantes devem manter o respeito para com os outros membros da comunidade.
- 4- Todos os participantes são livres de se exprimirem em todas as áreas e ferramentas.
- 5- Os participantes não são obrigados a trabalhar com as várias ferramentas da web 2.0, mas ao fazerem parte desta comunidade de prática devem eleger/participar na que se sentem mais à vontade, pois o sentido desta comunidade é a partilha, a colaboração e a cooperação.
- 6- Esta comunidade utilizará o Blog com a finalidade de partilhar conteúdos e ideias. Compartilhar práticas e materiais ligados à educação pré-escolar. Na rede social – Facebook- usará um grupo fechado (só para administradores) para trocar informações/problemas acerca da sua actividade profissional. Usará a Dropbox para partilhar documentos, planos anuais e semanais, projectos educativos e impressos relacionados com a Instituição onde trabalham.
- 7- Estas regras podem vir a ser actualizadas, dependendo do funcionamento da comunidade Jardim do Girassol.

## **Anexo 6**

## Mestrado em Educação e Multimédia

**Tema:** Comunidade de Prática – Contributos das ferramentas online para o desenvolvimento e promoção da cooperação e colaboração entre educadores de infância.

**Entrevistador/Investigador:** Helena Salazar

**Amostra:** 8 Educadores de Infância do Jardim de Infância da Misericórdia De Santo António de São Pedro do Sul.

### **Objetivos Gerais:**

- Compreender se os educadores anteriormente à pertença nesta comunidade de comunidade de prática conheciam e utilizavam as ferramentas da Web 2.0
- Perceber se após a participação nesta CoP os educadores utilizavam algumas ferramentas da Web 2.0.
- Saber se após a pertença à Comunidade de Prática Jardim do Girassol os educadores desenvolveram trabalho cooperativo/colaborativo.
- Compreender qual o nível de cooperação/colaboração antes e depois da pertença nesta CoP.

### **Blocos Temáticos:**

**Estratégia:** Será elaborado uma entrevista estruturada, ou seja, as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas. Os objectivos da entrevista serão bem explicitadas aos entrevistados bem como, salvaguardadas todas as questões de confidencialidade.

Blocos/Temas	Objetivos/Tópicos	Perguntas/Questões	Duração
Legitimação da entrevista e garantia de confidencialidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificação do entrevistador.</li> <li>- Informar sobre o âmbito do trabalho que conduziu à realização desta entrevista.</li> <li>- Assegurar a confidencialidade dos dados recolhidos.</li> <li>- Solicitar autorização (oral) para posterior análise de conteúdos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não há lugar para perguntas, apenas conversa cordial.</li> </ul>	2 min.
Identificação do entrevistado e questões introdutórias	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realizar uma breve caracterização do entrevistado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual a sua idade?</li> <li>- Quantos anos de serviço docente tem?</li> <li>- Na sua formação inicial adquiriu conhecimentos na área TIC?</li> <li>- Realizou alguma formação no domínio das TIC? Quais?</li> </ul>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender se os educadores anteriormente há pertença nesta comunidade de prática conheciam e utilizavam as ferramentas da Web 2.0.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Anteriormente à participação nesta CoP conhecia alguma ferramenta da Web 2.0?</li> <li>- Anteriormente à pertença nesta CoP considerava que as ferramentas da Web 2.0 poderiam favorecer o trabalho cooperativo/colaborativo?</li> <li>- Antes de ser participante nesta CoP utilizava as TIC na sala de actividades? Se sim, que tipo de recursos? Se não, porque não as utiliza?</li> </ul>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saber se após a pertença a uma CoP os educadores desenvolvem trabalho cooperativo/colaborativo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Considera que Comunidade de Prática Jardim do Girassol favoreceu a troca de materiais para a prática pedagógica?</li> </ul>	

	<p>- Perceber se após a participação nesta CoP os educadores utilizam algumas ferramentas da Web 2.0.</p> <p>-Compreender qual o nível de cooperação/colaboração antes e depois da pertença nesta CoP.</p>	<p>-Na sua opinião, qual a ferramenta, utilizada nesta CoP que facultou o desenvolvimento do trabalho cooperativo/colaborativo? Em qual se sentiu mais à vontade?</p> <p>-Como considera o seu nível de desenvolvimento nesta Comunidade de Prática?</p> <p>-Após a pertença a esta Comunidade de Prática começou a valorizar a utilização das TIC em contexto educativo?</p> <p>-Quais foram os principais constrangimentos que sentiu na sua participação nesta CoP?</p> <p>-Pretende continuar a colaborar na Comunidade de Prática J@rdim do Girassol?</p>	
Agradecimentos e fecho da entrevista	-Agradecer a participação e o tempo disponibilizado para a entrevista	Agradecer mais uma vez e valorizar o contributo do entrevistado. - Sugestões. - Agradecimentos.	

